

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANIELA FERNANDA RODRIGUES DA SILVA

**O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O
ENSINO FUNDAMENTAL: PENSANDO E REPENSANDO A
EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Vitória, ES
2020

DANIELA FERNANDA RODRIGUES DA SILVA

**O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL: PENSANDO E REPENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Cristina da Costa Silva.

Vitória, ES
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S586p Silva, Daniela Fernanda Rodrigues da, 1984-
O processo de transição da educação infantil para o ensino
fundamental : pensando e repensando a educação física /
Daniela Fernanda Rodrigues da Silva. – 2020.
118 f. : il.

Orientador: Paula Cristina da Costa Silva.

Acompanha Produto Técnico: Caderno didático : o processo
de transição da educação infantil para o ensino fundamental.
Modo de acesso: <[http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-
br/produto-tecnico-educacional](http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional)>

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em
Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

1. Educação física (Ensino fundamental). 2. Educação de
crianças. 3. Prática de ensino. I. Silva, Paula Cristina da Costa. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação
Física e Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796



À Ana Leticia Rodrigues Correia e ao Daniel Rodrigues Correia



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e ao Senhor Jesus Cristo por terem me abençoado e sustentado, me proporcionando condições para superar todas as dificuldades. E ao Espírito Santo por ter me iluminado durante toda caminhada.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

À Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) por oferecer educação pública, gratuita e de qualidade.

À minha orientadora, amiga e Professora Dr.^a Paula Cristina da Costa Silva pela orientação, ensinamentos, confiança, pelas correções, pelas horas de conversas sempre agradáveis e com palavras sábias, pelo café, pela paciência, e disponibilidade ao longo deste percurso, gratidão por tão grande generosidade de compartilhar um pouco dos seus conhecimentos.

Ao professor Ueberson Ribeiro Almeida que tão gentilmente participou da qualificação, e contribuiu com as considerações e apontamentos para a produção do texto final.

Aos professores Doutores membros da banca de Avaliação, Andrize Ramires Costa e Aguinaldo César Surdi pelas ricas contribuições e apontamentos de forma tão generosa ao texto para uma apresentação da pesquisa de forma mais científica e coerente.

Agradeço à minha amiga Manoela Vicente Diolino pela amizade, cumplicidade e apoio desde o início da caminhada.

Agradeço ao meu marido Lucio pelo apoio, ajuda, compreensão, paciência, cumplicidade, dedicação e amor.

Agradeço à minha mãe pelo dom da vida, pelo amor, cuidado, paciência pelas refeições tão maravilhosas, e pelas orações em todos os momentos.

Ao meu Pequeno Grupo Revestidos na pessoa da amiga Mafalda Cerqueira por vivenciar as alegrias e dificuldades e ajudar com orações, gratidão.

Agradeço ao meu amigo Manoel Correa Caldas pela amizade de décadas, orações, torcida, palavras de incentivo, e todo carinho demonstrado, sentir se amada



É a partir desse saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, o êxito dos educadores está centralmente nesta certeza que jamais os deixa de que é possível mudar, de que é preciso mudar.... (FREIRE, 1999, p.88).



RESUMO

O objetivo deste trabalho foi desenvolver um processo de ensino-aprendizado que atendesse as demandas da fase de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Para a realização dessa tarefa, foi realizada uma pesquisa qualitativa na qual a investigadora atuou como pesquisadora-participante. A coleta de dados ocorreu nas aulas de Educação Física desenvolvidas em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental dos anos iniciais, em Nanuque/MG, com uma turma do 1º ano. Os registros das aulas foram feitos por fotos e anotações em caderno de campo, suas avaliações ocorreram de forma dialogada e por meio de desenhos produzidos pelas crianças ao longo das intervenções. Foram realizadas 27 aulas que abordaram os conteúdos de Ginástica para Todos, Atletismo e Dia da Brincadeira espontânea. Como um dos resultados foi elaborado um caderno de atividades que tem como finalidade orientar ações para essa fase de transição. Os demais resultados englobam a percepção que o diálogo é o fio condutor de boas relações e entendimento das ações educativas e que a escola (profissionais e espaços) podem se adaptar aos alunos, embora não tenha sido visto iniciativas nesse sentido durante a pesquisa. Como conclusão aponta-se que é necessário pensar uma forma agradável e lúdica de as crianças vivenciarem a transição do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental, envolvendo toda a comunidade escolar no planejamento e nas ações educativas no sentido de adaptação das escolas (seja com relação aos tempos e espaços) para que seja possível acolher, de maneira humanizada, os alunos. Destaca-se que, nesse processo, o professor de Educação Física desempenha uma função essencial como facilitador do aprendizado proporcionando o papel de protagonista aos estudantes nessa construção.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The work aims to develop a process of teaching-learning that responds the demands in the period of transition from the elementary school to the junior high school. In order to accomplish this task, a qualitative research was developed in which the investigator acted as participant-researcher. The data gathering took place in physical education classes developed at a State School of Elementary Education of Early Years, in Nanuque/MG, in 1st degree class. The class records were made by photos and notes in a field notebook, their evaluations took place in a dialogic way and through drawings produced by the children during the interventions. 27 classes were held that addressed the contents of Gymnastics for All, Athletics and Spontaneous Play. As one of the results, an activity booklet was prepared with the purpose of guiding actions for this transition phase. The other results include the perception that dialogue is the thread of good relations and understanding of what is proposed and that the school (professionals and ambience) can be adapted to the students, yet no such initiatives were realized during the research. It was also noted that the responsibility for conducting the learning process falls heavily on the performance of the Physical Education teacher, with no effective involvement of the other school actors. As a conclusion, it is pointed out that it is necessary to think of a pleasant and playful way for children to experience the transition from the elementary school to the junior high school, involving the entire school community in planning and educational actions in the sense of adapting schools (be it in relation to periods and spaces) so that it is possible to welcome students in a humanized way. It is noteworthy that in this process, the Physical Education teacher plays an essential function as facilitator of learning by providing the protagonist role to students in such a construction.

Key-words: Physical Education. Pedagogical Practices. Child Education. Elementary School.



Foto 35 - Brincando com brinquedos de casa.....	98
Foto 36 - Brincando livre sem material.....	99
Foto 37 - Brincando de Amarelinha.....	101
Foto 38 - Brincando livremente na sala de aula.....	102
Foto 39 - Registro em desenho das crianças das aulas.....	103
Foto 40 - Brincando livremente na quadra com brinquedos pedagógicos.....	105
Foto 41 - Dia do Brinquedo vindo de casa.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Horário da turma escolhida para aplicação de aulas e observação	34
Quadro 2 - Organização das aulas de Ginástica para Todos.....	38
Quadro 3 - Descrição das Aulas de Atletismo.....	40

MEMORIAL: PELOS CAMINHOS DA VIDA DESCOBRI O MEU LUGAR - MEMÓRIAS DOCENTE

Esta parte inicial do trabalho, bem como as narrativas das aulas desenvolvidas nesta investigação, serão narradas em 1ª pessoa do singular, por se tratar de minhas experiências docentes que fizeram e fazem parte minha carreira profissional constituindo a professora que sou hoje. As demais partes da dissertação estarão em 3ª pessoa do plural, por considerá-las uma construção coletiva pautada em ideias de autores que contribuíram nas reflexões e metodologias para o desenvolvimento dessa investigação.

Ao final do ano de 2006, concluí a faculdade de Pedagogia¹ e, no ano de 2007, comecei a trabalhar como supervisora pedagógica contratada de uma escola estadual da cidade de Nanuque em Minas Gerais.

Nesse mesmo ano, fui designada para trabalhar com 10 aulas de Educação Física², no Ensino Fundamental das series finais, em outra escola dessa mesma cidade, como professora substituta por um período de dois meses.

Vale dizer que, antes de me formar, já vinha atuando como professora substituta devido à falta de professores formados em Educação Física (uma carência da época). No ano de 2007, houve a efetivação, sem concurso público, de todos os profissionais que estavam na ativa e já tinham trabalhado em algum momento nos anos anteriores, em qualquer área, na rede pública de ensino de Minas Gerais. Dessa forma, eu fui efetivada por uma lei conhecida por todos como lei 100³ nos meus dois cargos: professora de Educação Física e Supervisora Pedagógica.

¹ Curso de Pedagogia Reconhecimento: Decreto Estadual s/nº de 20/04/2006, Publicação: Minas Gerais de 21/04/2006, Centro Universitário de Caratinga – UNEC/ MG, Habilitação: Docência das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio, e Gestão e Coordenação de Processos Educativos, Exercício do Magistério das series iniciais do Ensino Fundamental.

² Usarei no trabalho a grafia Educação Física com as iniciais maiúsculas quando for tratar do campo científico e profissional da área e, quando tratar do termo educação física com as iniciais minúsculas dirá respeito a disciplina curricular da escola.

³ Projeto de lei complementar Nº 27/2007, que efetivou todos os servidores de Minas Gerais que estavam na ativa desde que tivessem trabalhado em algum ano anterior, por qualquer período, um processo sem provas ou titulação, com o objetivo de regularizar a situação do Estado diante da previdência, pois o mesmo estava inadimplente, então criou-se a previdência própria, transferindo todos os servidores para a nova, e zerando a conta na previdência geral, tendo o direito de fazer empréstimos e transações. Essa lei ganhou o nome popular de Lei dos Designados ou LEI 100.

No período após a promulgação da Lei 100, fui remanejada para outro local de trabalho com a volta da educadora que estava afastada. E, nessa nova escola, trabalhei durante 4 anos, de 2008 a 2011, entretanto sem a formação em Educação Física e com dificuldades, pois somente possuía um conhecimento básico de minhas vivências de aulas durante a vida escolar e algo que aprendi em um período do curso de Pedagogia, no qual tive uma disciplina denominada Educação Física. Assim, no ano de 2009, entrei na Faculdade de Educação Física, do Centro Universitário de Caratinga (UNEC) e, desde então, me apaixonei pela Educação Física em todos os seus aspectos e formas de lidar com a Educação. Cada vivência, cada conteúdo aprendido e a oportunidade de desenvolver novos conhecimentos durante as minhas aulas eram uma constante de prazer de poder aprender e ensinar. Como escreveu a poetisa goiana Cora Coralina (2007) “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Concluí o curso ao final do ano de 2011 e, já no início de 2012, fui remanejada para outra escola, já licenciada em Educação Física. Trabalhei nessa nova escola da rede estadual de MG, durante o ano de 2012 com as turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e uma turma de Magistério, todas com o conteúdo de Educação Física.

Novos alunos, novas vivências, muito aprendizado. Juntos nós desenvolvemos torneios, Festival de Dança, Mostra Cultural, Projeto de Vôlei no contra turno, enfim uma experiência que me permitiu crescer muito profissional e pessoalmente. Porém, ao final do ano, foi preciso deixar esse cargo, abandonar as aulas, pois fui chamada para tomar posse em um concurso na Prefeitura Municipal de Nanuque/MG, com o cargo de Professor Regente PI.

Durante o período de 2013 a 2015, não pude ministrar aulas de Educação Física, mas tive uma nova oportunidade de voltar a atuar com essa disciplina, em julho de 2015, com a aprovação em um concurso do Estado de Minas Gerais em que tomei posse em uma escola da rede Estadual em Nanuque/MG, que é onde atuo até os dias de hoje. Meu trabalho engloba as turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental das Séries Iniciais. Para mim, é um privilégio trabalhar nas condições que tenho na escola e a cada dia aprendo um pouco mais com as crianças, vejo transformações constantes por ocasião das aulas e percebo que quando se faz o que se gosta os resultados obtidos são muito compensadores.

Foi inevitável o desejo de avançar em minha formação e, no Mestrado Profissional em Educação Física, fui desafiada a pensar sobre os incômodos da minha rotina de aula. A partir da autorreflexão sobre os aspectos positivos e negativos dos conteúdos que desenvolvo e, do comportamento das crianças com as quais convivo, é que pude descobrir o que desejava estudar.

A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental de nove anos é uma fase bastante delicada e complexa para os estudantes e, por vivenciar a Educação Infantil, na rede municipal onde sou professora regente de uma turma do 1º período (4 anos), notei que elas entram no Ensino Fundamental das Séries Iniciais muitas vezes antes de completarem os seis anos, ainda muito pequenas.

Notei que deveria ter uma atenção maior ao planejar para essa etapa da educação que é o 1º ano do Ensino Fundamental. Vale mencionar que, em Minas Gerais, as séries são divididas por ciclos do primeiro ao terceiro ano, e eu preparava um planejamento com os mesmos eixos temáticos e planos de aula para todos eles. Com o passar do tempo, percebi que, durante a realização das aulas, não seria possível fazer as mesmas vivências em todas as turmas, porque a vivência que dava certo no terceiro ano, não fluía nas aulas das turmas do primeiro ano.

Foi então que passei a refletir sobre o que poderia ser mudado nas aulas e, assim, notei que a linguagem das crianças do primeiro ano é diferente das demais e, diante disso, comecei a fazer uma mudança na minha prática pedagógica.

A afetividade que tenho com os alunos da Educação Infantil deveria ser a mesma com meus alunos do primeiro ano, assim comecei a conversar com eles e a propor vivências diferentes daquelas que eu propunha aos do 2º e 3º ano, busquei dirigir aulas com menos conteúdos técnicos e a lançar mão de atividades lúdicas e a intercalar nas aulas momentos de registros livres de desenhos.

Em um curto período de tempo a reação das crianças melhorou e elas passaram a participar mais do que era proposto por mim. Diante dessa experiência, percebi que estudar os modos mais adequados de ensinar as crianças no 1º ano do Ensino Fundamental seria uma forma de contribuir com minha atuação na escola e, conseqüentemente, ajudar outros professores a atuarem nesse período delicado da infância.

O tema da transição dos alunos da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é algo a ser estudado e debatido, pois requer uma preparação por parte dos professores e da escola como um todo. Torna-se cada vez mais

necessário a reorganização para o acompanhamento e avaliação dos educandos. É preciso entender que, antes de serem alunos, os alunos são crianças cheias de curiosidade e que precisam de um bom acolhimento para lhe ajudar a construir resposta às suas indagações e passar por essa fase de transição de forma prazerosa.

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi criar uma proposta didático-pedagógica para as aulas de Educação Física do 1º ano do Ensino Fundamental das Séries Iniciais que contribuísse para a transição adequada das crianças que chegam da Educação Infantil.

Assim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Propiciar a ampliação do desenvolvimento da criança por meio do “se-movimentar” planejando os conhecimentos a serem ensinados na Educação Física de forma lúdica, tais como a ginástica e o atletismo.
- b) Estimular a livre expressão da criança por meio de suas diversas linguagens incentivando-a a conversar, a ouvir, a desenhar, a dançar e a brincar.
- c) Construir coletivamente as relações entre os colegas, a professora e o novo ambiente escolar com a compreensão de regras, direitos, espaços e tempos.

O estudo aqui apresentado ocorreu no ano de 2019 e é a sistematização de uma pesquisa realizada com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. O texto busca o apoio das políticas públicas para rememorar o ingresso das crianças de 6 anos nessa etapa da Educação Básica e expõe reflexões sobre a criança em diferentes dimensões como a importância do "brincar e se movimentar⁴", a construção do conhecimento por meio de vivências corporais, o diálogo, os espaços e a condição de explorar a si mesmo, entendendo a sua linguagem corporal e a do próximo.

A apresentação do trabalho trata dos textos legais e de como esses, ao longo do tempo, ampararam a Educação Infantil: antes como pré-escola, não

⁴ O conceito de “Brincar e Se–Movimentar” deriva da Concepção Teórica Filosófica do Movimento Humano que Kunz (2007) denomina de “Se–Movimentar”. Compreende-se por “Brincar e Se–Movimentar” o movimento espontâneo e livre da criança. Trata-se de toda a forma de relação autônoma da criança com o meio, que acontece através dos vários diálogos que ela pode ter, como por exemplo, através dos seus desenhos, danças, etc.

obrigatória e, atualmente, como parte importante da Educação Básica, sendo, inclusive, contemplada pela BNCC.

Portanto, visto que o Ensino Fundamental recebe crianças com idade e características da Educação Infantil, há uma necessidade de olhar de forma sensível para esses alunos tão pequenos e tratá-los de forma diferenciada. A escrita traz uma reflexão sobre a cultura de movimento e com quais linguagens se daria a construção do conhecimento, sabendo que espaços, brincadeira, imaginação e necessidade de se movimentar, são conceitos que servirão para compreendermos o caminho da transição e as formas de interagir dos educandos.

A pesquisa qualitativa foi o método escolhido, a professora atuou como observadora participante. As aulas foram planejadas para o acolhimento de 25 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais.

O planejamento buscou introduzir de forma crítica os educandos no universo da cultura corporal, propor experiências corporais e a construção progressiva da autonomia. O uso do diálogo foi fundamental para desenvolver as atividades e valorizaram a apropriação crítica e histórica do conhecimento.

Para o desenvolvimento do que foi planejado foram adotadas estratégias diferentes como contação de histórias para introduzir as atividades, história dramatizada, vivências livres e registros em desenhos para a avaliação. A flexibilização das atividades propostas e o conhecimento da realidade social onde a comunidade escolar está inserida foi importante e de grande relevância nesse processo.

Os relatos foram organizados semanalmente, as narrativas das aulas trazem reflexões sobre os diferentes acontecimentos e análises da constituição do processo ensino aprendido em um diálogo com autores que tratam da temática.

Os conteúdos escolhidos foram ginástica e atletismo, não como modalidades esportivas regulamentadas, mas dentro de uma perspectiva lúdica e flexível. Também foi reservado um dia denominado como dia da brincadeira espontânea, que era uma aula por semana para vivências “livres”. Esse era o momento em que as crianças determinavam seu modo de brincar e interagir com os colegas. New (2016, p. 210) destaca que “[...] não existe um conjunto predeterminado de conhecimentos a ser oferecido nem conceitos a serem adquiridos [...]”. Considerando a fala da autora, entendemos que, gradualmente, conforme as experiências foram vivenciadas durante as atividades, a criança

adquirir conhecimentos e habilidades. Nessa perspectiva, os professores têm a oportunidade, diante dos conteúdos, de desenvolver a cultura de movimento a partir dos educandos, pois a brincadeira permite a socialização infantil junto com seus pares.

Por fim, as discussões foram feitas de forma a compreender o brincar e se movimentar da criança como parte fundamental para a assimilação da cultura e das possibilidades de entendimento do mundo. Nesse sentido, ficou evidenciado que o brincar é um ato com potencialidade para o desenvolvimento do aluno.

1. APRESENTAÇÃO

É natural que toda criança goste de se-movimentar e tenha curiosidade sobre si mesma. A criança quer experimentar: subir em árvores, saltar de diversas alturas, correr, caminhar de várias formas, explorar objetos, brincar com outras crianças, desenhar, dançar, porém muitas destas atividades lhe são proibidas nos espaços em que tudo isso deveria ser possível, ou seja, em casa e na escola (SOUZA; KUNZ, 2015, p. 112).

A Educação na infância requer do profissional da Educação uma concepção da criança como sujeito histórico e de direito, potente, autônomo, capaz, ativo, produtor de conhecimento e cultura e que carrega múltiplas experiências. Nessa perspectiva, se faz imprescindível para o "[...] profissional conhecer as diferentes linguagens que as crianças utilizam no processo de aprendizagem de forma integrada e articulada" (GARANHANI, 2015, p.50) para que seja possível proporcionar ambientes e situações de aprendizagens, de interações e socialização de modo que a criança conheça o mundo por meio das linguagens oral, corporal, musical, gráfico-pictórica e plástica. Essa proposta é extremamente importante, pois apresenta as necessidades fundamentais no processo de ensino-aprendizado demandado pelas crianças e, que muitas vezes elas não encontram esse contexto presente em sua realidade escolar.

A transição entre a Educação Infantil e Ensino Fundamental, da Educação Básica, requer muita atenção para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas em sala de aula, para garantir a integração e continuidade dos processos de aprendizagem. Deve-se ter atenção e respeitar suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, realizamos um levantamento bibliográfico para verificarmos o estado da arte dos estudos sobre esse tema e encontramos 12 artigos com a problemática "Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental" dentre os encontrados, três dialogaram diretamente com as questões tratadas nessa pesquisa que aborda a importância do brincar, a criança como protagonista do processo de transição e adaptação do ambiente escolar para a recepção das crianças de seis anos; (MIRANDA, FARIA, 2019; MARTINATI, ROCHA, 2015; DIAS, CAMPOS, 2015;). Dois artigos apresentaram relatos específicos das aulas de Educação Física

fazendo análise do discurso do professor(a), e não apontando a importância da transição também nas aulas de Educação Física (DIAS, CAMPOS, 2015; BARCELOS, SANTOS, NETO, 2015).

Os outros textos fizeram uma discussão teórica destinada a consubstanciar conhecimentos significativos especificamente centrados nas capacidades psíquicas, histórico cultural, processo de aprendizagem da leitura, entre outros, assuntos que estão alocados com abordagens que divergem da pensada e construída neste trabalho científico.

Por esta razão conseguimos perceber que ainda há muito a avançar nos estudos da transição relacionados à necessidade da criança que é brincar e se movimentar e como esta questão tão importante para a criança de seis anos deve ser responsabilidade de todos os autores escolares.

Assim, devemos levar em consideração o que é proposto por Garanhan (2015) e estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação para as crianças. Devemos ter em mente que formar adequadamente os docentes pode impactar diretamente no modo como essa nova etapa será construída levando em consideração o que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. Para isso, as informações contidas em relatórios, portfólios ou outros registros que evidenciem os processos vivenciados pelas crianças ao longo de sua trajetória na Educação Infantil podem contribuir para a compreensão da história de vida escolar de cada aluno do Ensino Fundamental. Conversas, visitas e troca de materiais entre os professores das escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental – Anos Iniciais - também são importantes para facilitar a inserção das crianças nessa nova etapa da vida escolar (BRASIL, 2018).

Além disso, para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável o equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova fase se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico (BRASIL, 2018).

A Educação segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), tem o desafio de construir práticas que não antecipem a etapa subsequente produzindo ações que viabilizem o aprender brincando e brincar aprendendo como meio para proporcionar o desenvolvimento integral da criança.

O Ensino Fundamental das Séries Iniciais tem como objetivo subsidiar as crianças com o domínio da leitura, da escrita, do cálculo e de aspectos sociais que circunscrevem a vida cotidiana (BRASIL, 2013).

Essas duas etapas da Educação Básica são as que contribuem para a escolarização de diferentes modos, com espaços marcados por relações que são construídas cotidianamente pelos educadores e alunos que são responsáveis por pensar os processos de ensino-aprendizado e as rotinas das instituições educacionais, bem como, os modos de ajustar as tensões que se apresentam por meio de suas maneiras de fazer e construir as práticas cotidianas, levando em conta a percepção de que “As crianças participam coletivamente e são elas sujeitas activas e não passivas [...]” (SARMENTO, 2009, p.16)

Entendendo que a infância deve ser estudada dentro do seu próprio campo, faz-se necessário um diálogo constante com as crianças, seus pais e toda equipe gestora escolar com vistas a conciliação dos objetivos propostos na escola com as dificuldades encontradas nesse percurso. Mesmo porque as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), no artigo 09 - VII, orientam que as práticas pedagógicas da Educação Infantil devem ser norteadas pelo diálogo e pela brincadeira, garantindo experiências múltiplas que propiciem a interação com diversificadas linguagens, o cuidado e a preservação da biodiversidade, conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais dentre outros. Assim, não faz sentido romper a busca de diálogo na construção de caminhos viáveis nas relações de ensino-aprendizado no Ensino Fundamental das Séries Iniciais.

Vale destacar que, até a década de 1980, a Educação Infantil fosse considerada como uma educação pré-escolar e não tivesse sua importância reconhecida como uma fase educativa relevante, essa situação se alterou com a Constituição Federal de 1988 tornando o atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade dever do Estado.

Posteriormente, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB, em 2006 (BRASIL, 2006), que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de 0 a 5 anos.

Entretanto, embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB, em 2013 (BRASIL, 2013), consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil.

Recentemente, com a inclusão da Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica. (BRASIL, 2018)

De acordo com Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), uma atividade muito importante para a criança é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz.

Na história cotidiana das interações com diferentes parceiros, vão sendo construídas significações compartilhadas, a partir das quais a criança aprende como agir ou resistir aos valores e normas da cultura de seu ambiente.

Algumas práticas educativas têm trabalhado em prol da interdição, restrição e limitação dos movimentos nos momentos de aprendizagens da leitura e escrita, linguagens essas privilegiadas na Educação.

Nesse sentido, a educação da criança não é exclusividade de nenhuma área de conhecimento, mas responsabilidade de todos os professores que conforme as DCNEI's (BRASIL, 2009), em seu artigo 8º, § 1º, incisos I e II orienta que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem assegurar:

[...] I- a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo; II- a indivisibilidade das dimensões expressivo - motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural (BRASIL, 2009).

Entendemos assim que as experiências de movimentos corporais ou o se-movimentar na Educação Infantil são competências dos os profissionais envolvidos com a formação da criança ou seja uma responsabilidade de todos educadores, contribuindo decisivamente na formação e desenvolvimento pleno das crianças.

Segundo Surdi (2018, p. 122) a criança quando brinca, imagina e assim consegue ultrapassar e transformar a realidade. A Educação Física possibilita em seu tempo com o educando o desenvolvimento de diversas capacidades que estimulam a autonomia e o desenvolvimento da linguagem. Por poder usar de brincadeira durante a aula, o momento do aprender ocorre de forma que a criança mais se identifica, brincando.

Com base nas concepções de currículo e de criança definidos nas políticas públicas de Educação para a Educação Infantil (DCNEI'S, RCNEI's, BNCC) muito dos professores de educação física têm orientado suas práticas pedagógicas no sentido de potencializar e ampliar as experiências corporais de movimento das crianças em articulação com os saberes sistematizados fundamentando-se na perspectiva pedagógica de integração dos conhecimentos, na interdisciplinaridade e na indissociabilidade do cuidar e do educar.

Rapoport (2010, p. 43) coloca-nos que é no brinquedo que a criança compreende o agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa. Ela aprende brincando, descobre a si mesma, aos amigos, e usufrui de novas linguagens.

A proposta para a Educação Física deve ao mesmo tempo considerar o tempo da criança, seu desenvolvimento, sua aprendizagem pelo movimento e sua reflexão para além das aulas, buscar o que é valorizado no seu meio familiar e sua comunidade, sempre fazendo ligações com a sua cultura de movimento.

Os professores que recebem essas crianças devem ter uma sensibilidade, para perceber suas potencialidades, suas fases, e ajudar nessa adaptação desse novo universo. Nesse sentido, considerando que a cultura corporal;

[...] constitui – se (em) uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais tais como a dança, o jogo, a ginástica, o esporte que, por sua vez, materializam – se, ganham forma, através das práticas corporais. Enquanto práticas sociais, refletem a atividade produtiva humana de buscar respostas às suas necessidades. Compete, assim, à educação física dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significados e sentido por quanto construídos historicamente. (VIEIRA *et al*, 2009, p. 88)

Diante disso, reconhecemos que a matéria prima que trabalha a Educação Física na escola abrange diferentes conteúdos a serem desenvolvidos em suas aulas, assim o brincar pode ser incluído como algo a ser proposto pelo professor.

Entretanto, atualmente, o brincar e se movimentar se configura de forma diferente, dos últimos anos do século XX. Alteraram-se as formas de brincar que antes pautavam-se pela livre organização das crianças que ainda podiam brincar nas ruas e nos espaços livres.

Nos dias atuais o espaço da rua é cada vez mais raro, assim, o ato de brincar é configurado como jogar vídeo game sentado, brincar de boneca na calçada ou no sofá, brincar de casinha dentro da varanda de casa. Consideramos essas atividades importantes, mas a necessidade inerente da criança de se movimentar fica reprimida e “[...] na relação entre infância e cidade, surgem obstáculos limitadores de uma plena afirmação dos direitos da criança” (SARMENTO, 2018, p. 239).

Diante disso, o professor de educação física pode mediar em suas aulas brincadeiras que possam suprir a necessidade do brincar se movimentando com foco no desenvolvimento das capacidades ligadas a essa faixa etária.

O professor de Educação Física tem o desafio de desenvolver os conteúdos da cultura de movimento na escola com crianças que às vezes têm dificuldade com a passada da corrida ou com o entendimento de orientações para brincadeiras. Isso porque, até então, elas mesmas criavam suas regras e suas brincadeiras, dentro do seu contexto de espaço, que se limitava à sua casa e, raramente, à um espaço aberto, com liberdade para se movimentar (correr, pular, saltar entre outros).

A escola como instituição deve assumir a responsabilidade de apresentar aos educandos novas culturas corporais que poderão ser inseridas na sua vivência cotidiana.

Nessa nova fase escolar, os alunos sentem uma necessidade grande de se movimentar e durante as aulas de Educação Física eles têm essa oportunidade de forma direcionada. O professor de Educação Física tem a oportunidade de ser profissional que proporciona aos alunos uma atividade sem o peso de um aprendizado para o futuro, preocupando-se, também, com o bem-estar imediato, que favorece até mesmo o desempenho em outras disciplinas na sala de aula.

Segundo os autores Gonzáles e Schewengber (2012), nesses primeiros anos da Educação Fundamental o modo de introduzir o conhecimento na educação física é dedicado às possibilidades de “se movimentar”. Na introdução do documento intitulado “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade” (BRASIL, 2006) é destacada a importância de se refletir sobre os sentimentos das crianças que ingressam cheias de expectativas na escola

e o cuidado para não frustrá-las, pois elas permanecerão neste espaço institucional muitos anos de suas vidas.

Esse é um momento singular para as crianças, um período de muita curiosidade, de oportunidades diversas de se movimentar no presente tempo social, então nos surge a questão: Como acolhê-las? Como encantá-las?

Uma coisa é clara as relações devem ser afetivas, receptivas e cheias de alegria.

O lúdico foi entendido como central para o trabalho desenvolvido no primeiro ano. Ele auxilia no desenvolvimento da socialização, da construção de valores, regras e também apropriação de conceitos e procedimentos relativos à diversas áreas do conhecimento (RAPOPORT, 2010, p. 95).

A autora defende que a criança como personagem principal atuante nessa transição deve ser entendida dentro de sua simplicidade e as tarefas a ela direcionadas devem ser de caráter brincante, pois é esta a sua linguagem própria. Em contraposição às demais aulas, as aulas de Educação Física têm maior oportunidade de usar do lúdico e valorizar a linguagem das crianças.

Assim, as rotinas podem ser diversas, prestigiando momentos em que brincar e aprender são correlacionadas, amarelinha, boliche, queimada, entre outras brincadeiras, sob a coordenação do professor, pode proporcionar às crianças um aprendizado e um desenvolvimento, que em outros momentos da vida será perceptível, como a socialização e o desenvolvimento de outras capacidades.

As crianças são seres sociais e estão inseridos em uma sociedade escolar dominada por adultos, que nasceram em outra geração e se formaram em um contexto diferente. A geração de crianças que está em transição no ano de 2019, momento de desenvolvimento desta pesquisa, nasceu no século XXI, em um momento totalmente tecnológico, na era da informação onde tudo ocorre de maneira muito rápida:

A geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida (SARMENTO, 2005. p. 364).

Assim, muitas das vezes, se faz necessário consultar a criança sobre suas preferências e, a partir daí, proporcionar vivências pensada por elas e para elas.

Não podemos dizer que a relação será democrática, o adulto é quem define como ocorrerão as aulas, os espaços, enfim, ainda será responsabilidade dele montar o planejamento, porém, deve levar em conta as considerações da criança.

Segundo Sarmiento (2005) a alteração das políticas públicas no que diz respeito ao alargamento da escolaridade tem impactos no cotidiano das crianças e gerou novas linguagens e novos meios de se pensar em um planejamento. É possível perceber que a idade da criança para ingressar no Ensino Fundamental foi alterada, porém não houve capacitação ou formação continuada para os educadores para essa fase.

O que se pode entender então, é que as crianças, ao saírem da Educação Infantil, deixam de ser crianças e alcançam certa maturidade só pelo ato de sentarem em uma carteira no Ensino Fundamental, com capacidade de aprender a ler, escrever e interpretar, de forma obediente e passiva, sem autonomia de movimento para além do espaço de sua carteira.

Cabe, no entanto, aos professores o esforço para entender o que traz sentido à vida da criança e perceber que elas têm uma cultura infantil própria, que o aprendizado vai a partir daquilo que lhe é interessante, então deve haver um esforço em buscar “[...] a participação da criança como um sujeito de conhecimento” (SARMENTO, 2009, p. 24). O autor, diz ainda que a “[...] infância deve ser estudada em si própria ou a partir de seu próprio campo” (SARMENTO, 2009, p.19).

Diante desse contexto, entendemos que o planejamento e o projeto de trabalho da Educação Física deve ser flexível e os conteúdos constantemente revisados, entendendo que as crianças de seis anos estão em fase de transição, uma vez que “[...] todas as idades são de transição, no sentido em que nelas se percorre uma parte do percurso de vida de cada ser humano (SARMENTO, 2009. p. 21).

Na faixa etária abordada, elas possuem uma imaginação aguçada, uma fantasia própria da infância. Nesse caso, o brinquedo e a brincadeira lhe trazem toda a ressignificação de aprendizado relacionando o brincar com sua cultura de conhecimento.

Não é raro ver crianças retornando das aulas de Educação Física relatando seus feitos, contando sobre suas ações e solicitando a confirmação do professor a respeito de suas façanhas. É um momento único, repleto de vibração, seu entusiasmo ocorre em situação de grande satisfação, sendo que o significado

daquele feito em sua vida se transforma em alegria, de uma conquista que é percebida e comemorada em sua totalidade corporal.

Entendemos que a transição é real e “[...] é importante ressaltar que as aulas de Educação Física devem variar bastante as atividades para estar motivando os alunos” (OLIVEIRA, 2004, p. 25-26). Inclusive nesta idade onde a concentração é pouca faz-se necessário para mantê-los motivados. Ao identificar essa situação, surge o desejo de saber a razão pela qual as crianças chegam no 1º ano do Ensino Fundamental com tantas dificuldades em executar tarefas simples dentro do contexto das aulas de Educação Física.

Fernandez (2006) ressalta a idéia de que a capacidade de manter a atenção foi aprendida, como efeito de um processo de experiência que não pode ser adquirido por algum critério, e que esta capacidade pode ser aprendida, porém não pode ser "ensinada", mas mediada. Segundo a autora, " Portanto, não há motivação externa que possa se orientar " (FERNÁNDEZ, 2006, p.12-13).

O ambiente deve permitir a construção de uma atmosfera que facilite o aprendizado, o professor deve ser criativo e incorporar ao contexto das aulas brincadeiras interessantes de forma que as crianças sintam vontade de participar.

Ao longo da experiência docente, é possível perceber que as crianças que estão na Educação Infantil são obedientes, participam de brincadeiras, respondem às orientações e executam tarefas de forma organizada, dentro do que é previamente estabelecido. Entretanto, ao chegar à escola de Ensino Fundamental, elas entram em um mundo totalmente diferente do que viviam e o que se espera é que, de forma automática, elas deixam de ser crianças e se tornam alunos, tudo em uma dimensão bem distante uma da outra.

Dessa forma, o Ensino Fundamental se apresenta cheio de novas regras e ordenações. Há uma ruptura que passa pela arquitetura da escola, o seu parquinho, por exemplo, já não existe mais, e o tempo da brincadeira é reduzido, restando somente o recreio que deve ser dividido com a ida ao banheiro e a hora de lanche.

Ao chegar às aulas de educação física, as crianças se sentem livres e querem brincar e se movimentar livremente, mas há, da parte dos professores de Educação Física, a preocupação de ensinar algo significativo, que faça com que o conteúdo também contribua para a sua percepção de mundo e seja a cada dia um sujeito que vivencia sua infância. Nessas aulas, as brincadeiras são a forma de introduzir o

aprendizado, procurando sempre contribuir para a sua formação, para sua autonomia e seu processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, as crianças do 1º ano têm dentro das aulas de educação física a possibilidade e as perspectivas de desenvolvimento corporal e social próprios da infância, pois, como criança e sujeito do seu percurso de evolução, tornam as atividades válidas e são protagonistas do seu aprendizado.

O sistema faz cobrança de conhecimentos que determina como o melhoramento do intelecto para uma criança de seis anos, muitas vezes, o professor regente não consegue visualizar outra maneira de transmitir esses conhecimentos a não ser que seja com a criança sentada, quieta, ouvindo e depois escrevendo o que foi designado pelo educador.

As aulas de Educação Física não deveria ser o único momento em que a criança pode se movimentar e brincar, isso deveria ser uma preocupação de toda a escola, já que ela é um ser humano brincante. Porém, no modelo de ensino atual, a educação ainda está vinculada ao fato da criança permanecer imóvel e quieta.

O conflito delineado até aqui, a transição da criança do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental e a maturidade cobrada no momento dessa mudança, instigam-nos na busca de maiores conhecimentos, pois nos últimos anos nota-se que é necessário fazer um acolhimento diferente do que até então está sendo feito. É preciso ser pensado e articulado um planejamento em conjunto com todos da equipe pedagógica, inclusive com os pais para suprir a passagem entre a Educação Infantil e o 1º ano do Ensino Fundamental, fazendo-se necessário, pensar em uma transição adequada, pois todo ser humano requer adaptação e com essas crianças tão pequenas não é diferente.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi delineado a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com trabalho em campo pautado na observação participante que: “[...] consiste na participação de forma natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga. Daí chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (GIL, 2008, p.103).

O papel da pesquisadora no contexto da investigação foi o de observadora participante.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, sob parecer número 3.584.661 e todos os alunos assentiram em participar disponibilizando sua imagem e voz para coleta de dados, assim como seus pais, que também apoiaram e deram o consentimento para que seus/suas filho(a)s pudessem participar desta investigação.

A metodologia adotada para os procedimentos de ensino diferiu-se de acordo com os conteúdos abordados. No caso da ginástica, adotamos a metodologia da Ginástica para Todos (GPT) pautados no trabalho do Grupo de Ginástico da Unicamp (PAOLLIELO et al., 2014) e para as aulas de atletismo utilizou-se a perspectiva do brincar e se-movimentar oferecendo ao educando uma possibilidade pedagógica de significados e sentidos das atividades praticadas. Segundo Kunz (2003 p.21) “[...] correr, saltar e arremessar/lançar devem servir para a transformações pedagógicas e abranger múltiplos e vários campos de experiências e aprendizagens para os alunos”, adaptado a uma proposta crítico-emancipatória. As aulas da “Brincadeira espontânea” foi adotada a perspectiva do “brincar e se-movimentar”.

O termo “Brincar e Se-movimentar” [...] foi criado nos últimos escritos do professor Elenor Kunz com seus orientandos, com o intuito de mostrar a criança em seu “ser-estar-no-mundo” e a sua imprescindível necessidade de viver plenamente o presente. Nesse sentido, o “Brincar e o Se-movimentar” tornam-se fundamentais para o pleno e integral desenvolvimento da criança. A criança tem o seu tempo e o seu mundo, que são diferentes dos do adulto. Mundo esse que é vivido e pelo qual ela se desenvolve como um ser livre, com sensibilidade para sentir o mundo, ou seja, o eu, os outros e as coisas como extensão do seu corpo (SURDI et al., 2016, p. 460).

Para a análise dos dados, foram criadas discussões de forma pontual e fluida ao longo do processo de construção do trabalho em uma busca teórico prática.

Assim foram discutidos os diversos tipos de linguagens que a criança possui, a sua necessidade de brincar e se movimentar a sua apropriação de forma autônoma da cultura de movimento.

O trabalho de campo foi realizado no 1º semestre de 2019, de fevereiro a março, e englobou o total de 27 aulas, com a duração de 50 minutos cada. Elas foram planejadas para o acolhimento de 25 alunos, do 1º ano do Ensino Fundamental e realizadas na quadra de esportes, em sala de aula, no pátio da escola, na praça da cidade e sala de vídeo.

As aulas foram registradas em fotografias e vídeos e foram realizadas anotações em um caderno de campo relativas às reflexões emanadas das ações, contemplando a dialógica de reflexão-ação-reflexão.

A escola na qual foi desenvolvida a investigação, pertence ao município de Nanuque, no Estado de Minas Gerais, Brasil, e está situada na região urbana.

Figura 1 - Mapa da Região Vale do Mucuri



Fonte: <http://blogdobanu.blogspot.com/>.

2.1 Imersão em campo

Antes de começar o desenvolvimento das aulas, foi feito o cadastro da pesquisa na Plataforma Brasil para a aprovação do Comitê de Ética, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Após a aprovação do projeto, os pais das crianças foram convidados para uma reunião e neste encontro foram informados da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento de Livre

Esclarecido (TCLE), autorizando a participação das crianças, bem como o registro de fotos durante as aulas. As crianças também foram informadas que participariam da pesquisa e que em alguns momentos haveria registro com fotos e anotações de algumas de suas conversas.

A pesquisadora explicou aos pais e às crianças os objetivos do estudo e lhes garantiu o acesso amplo das informações decorrentes da investigação.

Os recursos didáticos utilizados foram colchonetes, bolas de diferentes tamanhos e cores, corda, papel, lápis de cor, giz de cera, fita, maças, arcos, blocos, cones, bastões, tatames, pernas de pau, triciclo, fitas de TNT, brinquedos pedagógicos (quebra cabeça, alfabeto, amarelinhas, jogo da memória).

As aulas tiveram a duração de 50 minutos e foram divididas em: chamada, conversa inicial, alongamento⁵ e desenvolvimento das atividades. No caso da turma do 1º ano do Ensino Fundamental foi necessário que a professora lançasse mão da estratégia de preparar duas ou três vivências para além daquelas planejadas no conteúdo abordado.

Isso porque nessa fase as crianças têm uma curiosidade bem grande e se dispersam com facilidade;

A avaliação das aulas levou em consideração o nível de participação e motivação dos educandos demonstrado a partir da observação da docente que usou como critérios a adesão dos alunos às atividades, o seu modo de se movimentar, de interagir com os colegas, sua capacidade de compreender as normas combinadas, a motivação, e se eram receptivos às propostas das aulas.

O diálogo também foi um instrumento que serviu para constatar o nível de conhecimento alcançado e a aquisição de gosto pelo conteúdo tratado. Como os alunos estão em fase de alfabetização e nem todos ainda sabem escrever utilizou-se os desenhos sobre o que foi tratado nas aulas como uma forma de avaliar graficamente sua percepção.

Por meio desses desenhos as crianças puderam demonstrar o nível de apreensão do conhecimento e apresentar as experiências mais relevantes do que foi vivenciado na aula. Em todas de aulas buscou-se de forma sensível proporcionar o

⁵ Alongamento é a forma de atividade que tem como objetivo manter os níveis de flexibilidade obtidos através da realização de movimentos com amplitudes normais, sem restrições físicas. (DANTAS 2005). Apesar das crianças já serem flexivas, adotamos como um momento da rotina da aula como forma de aquecimento.

se movimentar e seus significados no processo transição, estabelecendo relações de acolhimento e aprendizado.

2.2 O espaço da Escola

A escola na qual ocorreu esse trabalho pertence a rede estadual de ensino e está situada na cidade de Nanuque/MG, é vinculada à Superintendência Regional Ensino de Teófilo Otoni/MG e, está localizada no centro da cidade, entre duas escolas particulares. Ela recebe numerosos alunos e oferece ensino regular com qualidade para crianças de 06 a 11 anos.

Seu quadro administrativo é formado pelos seguintes servidores: diretor, vice-diretor, 02 especialistas, 03 assistentes técnicos da educação básica, 01 secretário de escola, 01 Assistente técnico da Educação Básica (ATB) financeiro, 02 professores para ensino e uso da biblioteca, 10 auxiliares de serviços da educação básica.

A formação dos mesmos vai desde o ensino fundamental até o ensino superior. Os professores que trabalham nesta escola, em sua totalidade, possuem curso superior, todos demonstram grande interesse em se aperfeiçoar e estão sempre envolvidos em aprender coisas novas. O corpo docente é formado por 21 professores regentes de turma, sendo 3 para atendimento especializado das crianças especiais e 3 professores de Educação Física.

A escola foi fundada no ano de 1960, com a denominação de Grupo Escolar, através do Decreto nº 5.810, de 08 de Junho de 1960. Pela Resolução nº 810/74, de MG, de 06 de Julho de 1974, teve a Classificação Tipológica de Escola Estadual de 1º Grau, 1.3, MG 06/07/1974. Em 1998 foi implantado através da Resolução nº 8.086/97, o Sistema de Ciclos, chamado de 1º Ciclo de Formação Básica.

Em 2000, conforme LDBEN Nº 9.394/96, Parecer CEE nº 1.13297 e nº 1.158/98 e Resolução nº 06/2000, foi alterado para Ciclo Básico, Ciclo Intermediário e Ciclo Avançado. Em 2004, através do Decreto nº 43.506/2003, Resolução nº 430/03, Resolução nº 469/03, a escola passou a oferecer os anos iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos, organizados em dois ciclos de alfabetização: Ciclo Inicial de Alfabetização e Ciclo Complementar.

No ano de 2008, através da Resolução 1086/08, os anos iniciais do Ensino Fundamental, oferecidos pela escola, passaram a organizar-se em Ciclo da

Alfabetização e Ciclo Complementar, cuja organização foi, novamente, orientada através da Resolução 2.197/12.

O nível sócio econômico das crianças atendidas é bem diversificado variando entre classe média e classe média baixa, pois a escola por ser central recebe alunos de todas as regiões da cidade.

A composição do espaço físico da escola é de 12 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala dos professores, 01 sala da direção, 01 sala da vice direção, 01 secretária, 01 gibiteca, 01 pátio para auditórios, 01 espaço separado onde acontece a maioria das aulas de Educação Física, 01 refeitório, 01 cantina, 01 sala de computadores, 02 banheiros para alunos, 03 banheiros para os adultos e, ainda um espaço de jardim à frente da entrada onde os pais ficam esperando as crianças na hora da saída e também na entrada. A escola é toda cimentada e tem algumas amarelinhas pintadas no chão, e nenhum brinquedo no pátio, nenhum espaço para parquinho, e escassos materiais para as aulas especializadas, como as de Educação Física.

Ao lado temos uma praça denominada “Praça do Estudante” onde também pode ser utilizado para algumas atividades da escola, inclusive as aulas de Educação Física.

O recreio ocorre no pátio, durante esse tempo a equipe pedagógica supervisiona os alunos, porém somente para dar um apoio e prevenir incidentes. É relevante destacar que na hora do recreio é que acontecem as interações entre os alunos e onde o ato de se movimentar se dá de forma mais livre.

Outro espaço a ser lembrado de forma especial é onde seria “uma quadra” e é onde acontece a maior parte das aulas de Educação Física. Faz dois anos que as crianças dividem esse local com algumas cadeiras e carteiras que ficaram sem utilização para a escola. Todos já notaram que a gestão poderia ter retirado esse material dali, mas infelizmente não é a sua prioridade.

Verifica-se que em algumas instituições escolares não há um entendimento do real do sentido e dos benefícios que as aulas de educação física podem trazer para os educandos.

E, por fim, ainda temos as salas de aula, nas quais crianças passam boa parte de suas vidas. Esse ambiente possui, geralmente, vinte e cinco carteiras com cadeiras, a distância de um aluno para o outro da lateral não chega a um metro e ali convivem vinte e cinco alunos e as vezes até mais. Temos também a mesa e a cadeira da professora. Consideramos que por mais que as salas sejam grandes, as

experiências de movimentos são reduzidas e é ali que ocorrem interações e aprendizagens. Nesse sentido, percebemos a necessidade das crianças se movimentarem, pois elas não percebem o mundo como os adultos tendo seus próprios entendimentos.

2.3 Os Estudantes

Os educandos que fizeram parte da pesquisa foram 25 crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, todos com vivências escolares, pois estudaram nos anos anteriores nas classes de Educação Infantil.

A idade dos participantes é de 6 anos sendo um total de 15 meninas e 10 meninos. Todos são ativos, espertos, não tendo nenhum com necessidades especiais, suas características variam desde brancos, negros, gordos, magros, uma turma bem heterogênea em todos os aspectos.

Suas condições de compreensão e participação nas atividades são muito boas.

As condições econômicas são razoáveis para uma escola pública, na qual todos tem uniforme e possuem mochilas e materiais didáticos. A maioria leva lanche de casa para comer durante o recreio e alguns vão de carro para a escola. Nota-se que as famílias se preocupam com eles e com o tipo de educação que recebem.

Quadro 1 - Horário da turma escolhida para aplicação de aulas e observação

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13:00 - 13:50	Português	Português	Português	Português	Literatura
13:50 - 14:40	Português	Português	Português	Matemática	Literatura
14:40 - 15:30	Matemática	Matemática	Matemática	Ciências	Ensino Religioso
15:30 - 15:45	Matemática	Matemática	Geografia	Ciências	Artes
15:45 - 16:35	Educação Física	História	Educação Física	Geografia	Artes
16:35 - 17:15	Tarefa de Casa	Tarefa de Casa	Tarefa de Casa	Tarefa de Casa	História

Fonte: Elaborado pela autora.

2.4 Proposta de aulas

Na escola onde ocorreram as aulas é organizada, no mês de fevereiro, uma jornada pedagógica na qual é feito o planejamento das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano letivo. Nessa ocasião todos os educadores escolhem os conteúdos adequando com as demandas de atividades obrigatórias que o Estado determina e com os projetos internos da escola, realizando de forma diversificada e flexível o planejamento anual.

O professor de Educação Física também elabora o seu planejamento dentro do vasto universo de temas da Educação Física escolar, pois de acordo com a LDB 9.394/96, ela como componente curricular da educação básica tem como objetivo, através de intervenções sistematizadas, inserir o aluno na cultura de movimento levando em consideração os conhecimentos já dominados pelos discentes.

Dentre as suas atribuições, a escola tem a função de formar cidadãos autônomos e críticos para atuarem de forma positiva na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No caso específico da Educação Física, cabe aos profissionais da área promover situações favoráveis que estimulem a capacidade de refletir dos educandos na resolução de problemas.

Vale lembrar que os alunos se encontram, segundo o Soares *et al.* (2012, p.66), “[...] no ciclo de organização da identidade dos dados da realidade”, cabendo à escola organizar tais dados para que eles possam formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças.

2.4.1 Conteúdos

Os conteúdos foram introduzidos de forma gradativa não buscando o rendimento físico, mas fazendo o aluno aproveitar o momento presente, ampliando seu aprendizado.

A abordagem planejada e executada englobou 2 conteúdos durante as 20 aulas, mais as 07 aulas do Dia da Brincadeira espontânea resultando o número total de 27 aulas de intervenção.

Esses conteúdos foram a Ginástica para Todos (GPT) e o Atletismo, não como modalidades esportivas regulamentadas, mas dentro de uma perspectiva lúdica e flexível. Também nesse planejamento foi reservado um dia denominado como dia da brincadeira espontânea, que era uma aula por semana para vivências

livres, com brinquedos ou não, proporcionando um se movimentar sem regras definidas. Era o momento que as crianças determinavam seu modo de brincar e interagir com os colegas.

A proposta de trabalho foi organizada semanalmente, baseada no plano bimestral, e estava articulada ao Projeto Político Pedagógico da instituição que tem como base teórica a pedagogia crítica, valorizando a escola como espaço social democrático e responsável pela apropriação crítica e histórica do conhecimento.

As estratégias para se trabalhar com os conteúdos escolhidos não foram aleatórias. Em ambas as modalidades esportivas eleitas foram escolhidos jogos e brincadeiras inspirados no faz de conta, jogos dramáticos: como história dramatizada e narração de histórias. Também incluímos vivências em aparelhos de circo, de ginástica, elementos da ginástica, corrida de velocidade, saltos, lançamentos de bola, corrida de revezamento, jogos de competição e atividades de consciência corporal. Sempre com a intenção de direcionar os alunos a refletirem sobre suas possibilidades e a viver plenamente as aulas com base no se movimentar buscando novas experiências e obedecendo as regras estabelecidas em comum acordo com eles.

A Educação Física traz consigo diversas alternativas de conteúdos que viabiliza um relacionamento com o processo de se movimentar trazendo significados objetivos para o aluno. Transformando o seu modo de ver o mundo e ampliando sua consciência corporal, estabelecendo conhecimentos, habilidades e competências.

Assim, as brincadeiras relacionam-se diretamente com os elementos culturais da infância aos quais ela integra. A criança enquanto brinca pode entender e interpretar papéis do cotidiano.

O seu se movimentar é cheio de significados e muitas vezes expressa situações da sua vida real enquanto brinca e assim ela se apodera desse contexto para se comunicar.

A criança quando brinca se doa ao mundo por inteiro. Cria, imagina, sofre, chora e assim mesmo se enche de alegria, é um artista. Esta linguagem sensível e expressiva acontece no seu se movimentar. Sua percepção de mundo é direta (KUNZ, 2015, p. 24).

Inicialmente, foram escolhidas práticas corporais da unidade temática Ginástica, os elementos foram inseridos de forma gradativa, o planejamento se baseou na proposta de GPT do Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) (PAOLIELLO *et al*, 2014) e

os procedimentos de ensino abordados proporcionaram às crianças experimentar, fruir e identificar diferentes elementos da ginástica (equilíbrios, saltos, rolamentos, giros, vela, ponte, estrela e rotações com e sem materiais), das manifestações da cultura corporal (dança e ritmo), das capacidades físicas (flexibilidade e força) e das possibilidades de experimentar movimentos acrobáticos. Adotou-se estratégias que possibilitaram experimentar a amplitude dos movimentos como, por exemplo, passos curtos e longos, deslocamentos em diferentes direções e variações do centro de gravidade. Também foi abordada a imitação (teatralização) de personagens e animais, e o ensino de diferentes modalidades de ginástica como a artística e a rítmica.

O objetivo de trabalhar os elementos da ginástica se deu pelo caráter inclusivo, pois todas as crianças podem participar e não há número limitado de participantes. Além disso, é uma prática que as crianças adoram e participam com alegria e motivação:

A Ginástica, como parte da Cultura Corporal do Movimento, é um conteúdo possível de ser ensinado nas aulas de educação física escolar, pois suas possibilidades nesta disciplina devem ser pautadas em uma reflexão dos objetivos a serem trabalhados, em uma sistematização e adaptação de diferentes espaços no qual o professor deverá utilizar metodologias adequadas e sua criatividade para ampliar o conhecimento dos alunos e, assim, explorar diferentes capacidades corporais expressivas, conhecendo as individualidades e estimulando as capacidades (SILVA, 2013. p. 29).

A ginástica para o processo de transição é importante, pois proporciona a interação entre as crianças, e como elas estão chegando à escola e cada uma advém de culturas familiares diferentes, faz-se necessário conhecê-las. Esse conteúdo proporciona que identifiquemos os alunos de forma mais sensível, dentro das suas possibilidades de execução dos movimentos propostos e de sua participação nas aulas. Dessa forma, as crianças são desafiadas de forma gradual e vão melhorando sua possibilidade de se movimentar e ampliando o conhecimento do próprio corpo.

As possibilidades de trabalho incluem: amplitude do movimento passos curtos, longos, utilização de deslocamento em diferentes direções: para frente, para trás, para os lados, em linhas curvas e retas, combinadas e etc.; utilização de diferentes posições do corpo, em pé, sentado, deitado, em quatro apoios, etc.; utilização do centro de gravidade do corpo: baixo, médio, alto.; utilização de várias expressões corporais, como alegria, tristeza, raiva, etc.; utilização de

imitação teatralização de personagens, animais entre outros, e utilização de expressões culturais como dança, teatro, mimica lutas entre outros (SILVA, 2011, p. 91-92).

Quadro 2 - Organização das aulas de Ginástica para Todos.

Aula	Tema - Brincando com a Ginástica.
01	Apresentação de vídeo com ginástica de circo, artística e rítmica, conversa com os alunos sobre o tema a ser abordado, demonstração e registro sobre o que eles já conhecem de ginástica.
02	Alongamento, rolamentos, vivência com o arco.
03	Alongamento, brincadeira “O grande barco” e pega-pega com giros e estrelinhas.
04	Alongamento, brincadeira “Corre Cutia” cada vez que tiver que pagar uma prenda será um elemento da ginástica que o colega escolher.
05	Alongamento, história dramatizada do circo (à medida que se conta a história se realiza a vivência de alguns movimentos circenses e de alguns aparelhos).
06	Alongamento, Brincadeira Maremoto com vivência da fita como se fosse parte do barco.
07	Alongamento, brincadeira coelhinho na toca, toda vez que o coelhinho troca de toca ele o faz em diversos saltos.
08	Brincadeira pega-pega americano, estímulo da flexibilidade.
09	Alongamento, rolamentos de frente e de costas, pega-pega americano.
10	Alongamento, vivência com bolas de diferentes tamanhos e a vivencia dos aparelhos da ginástica rítmica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em um segundo momento, no planejamento, foi escolhido o atletismo devido ao ato de correr, saltar, arremessar já serem atividades que fazem parte da cultura de alguns discentes que ainda podem brincar nas ruas.

Assim, esse tema foi proposto com vistas a organizar o conhecimento experimentado empiricamente enriquecendo seu repertório à medida que se inclui em seu trato pedagógico os elementos que já vivenciaram e possam identifica-los como elementos constituintes do atletismo tais como: as corridas curtas, lançamentos de forma adaptada, corrida de bastões, saltos longos e curtos.

Na idade de 6 anos as crianças gostam de se locomover, concorrer entre si, ganhar, vibrar, e logo uma atividade que lhe possa proporcionar alegria, e ainda melhorar sua condição de se movimentar, de forma lúdica. Essa proposta busca

beneficiar à criança neste período da infância, de forma que as aulas possam fazer sentido, propiciando novas experiências corporais.

As brincadeiras foram pensadas de modo a preservar a integridade física das crianças e, assim, lesões fossem evitadas.

Podemos perceber que em todas as propostas de atividades elencadas nas políticas públicas, documentos e livros, não se encontra o esporte de invasão (futsal, basquete, handebol, futebol, *rugby*) para as crianças de 6 anos, sempre temos os jogos e brincadeiras e algumas modalidades esportivas trabalhadas de forma lúdica, assim também percebemos que essas crianças em transição precisam primeiro se apropriar de seu corpo e suas possibilidades, para depois participar de alguma atividade onde um colega invada o espaço do outro.

O atletismo inserido como um tipo de brincadeira faz com que não haja distinção de habilidades, gênero e condição física. Ele é totalmente inclusivo e requer a participação de todos.

Ao abordar o atletismo, temos inicialmente que considerar sua dimensão histórica, pois se trata de uma modalidade esportiva mais antiga do mundo. Há relatos envolvendo competições de corrida, saltos, arremessos, e lançamentos desde os jogos da Antiguidade, realizados na Grécia (DARIDO, 2017, p. 104).

Diante de um conteúdo tão rico as possibilidades de atividades são muitas e isso favorece o processo de transição, pois é possível trabalhar de forma diversificada, incluindo os educandos e enriquecendo suas possibilidades de movimento e conhecimento.

Quadro 3 - Descrição das Aulas de Atletismo

Aulas	Tema: Brincadeiras com elementos do Atletismos
01	Alongamento, brincadeira pegue no corpo, pegue no bloco e corrida de estafeta por equipe passando a bola.
02	Morto, vivo, esquerda, direita, alto, baixo, corrida de bastão por equipe.
03	Circuito com várias estações com uma corrida no percurso e corrida de velocidade.
04	Vídeo sobre o atletismo sobre Usain Bolt, sobre as provas com marcas ⁶ e um pouco da trajetória histórica do atletismo; https://www.youtube.com/watch?v=FuiJHJz4f5Q ; https://www.youtube.com/watch?v=u8nXZKagamY https://www.youtube.com/watch?v=UG4n1pk4Uk8
05	Corrida de revezamento de 4x4 com os arcos, competitiva e lúdica.
06	Alongamento; aquecimento com saltos no arco, salto em um pé só, salto em distância, salto em altura com a lateral do corpo (corda, colchonetes, arco).
07	Corrida de velocidade, corrida com o bastão, corrida com obstáculo, em equipes.
08	Corrida orientada, um venda os olhos o outro guia, antes um vídeo curto da Teresinha Guilhermina; https://www.youtube.com/watch?v=ZIIGKngajN0
09	Lançamento com bola dentro do arco e Jogos de saltar com cordas, aumentando a complexidade e altura conforme evoluem.
10	Competição de corridas, saltos e lançamentos para finalização do bimestre.

Fonte: Elaborado pela autora.

A GPT e o atletismo foram escolhidos também por conta do espaço existente na escola que engloba uma quadra coberta e um pátio também coberto, porém se chover ambos ficam sem condições de serem usados, pois as suas laterais são abertas e o local fica molhado.

Entretanto, se os conteúdos forem adaptados é possível abordá-los em sala de aula usando a criatividade e experimentações.

Estes dois componentes também foram selecionados para essa fase de transição, pois apesar das crianças terem uma necessidade de se movimentar, ela o faz de forma automática, sem perceber o que é o seu corpo dentro desse contexto.

⁶ São provas do atletismo baseadas na comparação dos registros dos índices alcançados em segundos, metros ou quilos. Uma das características mais destacadas é a quebra de recordes. Muitas vezes, a superação de uma marca anteriormente registrada ganha mais importância do que uma medalha olímpica (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 22 – 23).

No universo de brincadeiras ela vai se apropriando dos elementos da ginástica e do atletismo, e assim temos a possibilidade de forma gradual, de lhe ajudar a atribuir sentido e significados ao seu movimento. Dessa forma, em todas as aulas privilegiou-se o trabalho lúdico. Além da ginástica e do atletismo foi programado em meio a essas abordagens o dia da brincadeira espontânea.

O Dia da Brincadeira Espontânea foi organizado de diferentes modos, houve dias em que cada criança levou seu brinquedo preferido, em outros foram realizados passeios na praça próxima à escola e, em outros os alunos se organizaram livremente, havendo poucas intervenções procurando deixar as crianças livres e observando o que criavam.

Esse termo “livre” não quer dizer que não havia uma mediação, pois os alunos eram observados, questionados sobre as brincadeiras e se dialogava sobre as brincadeiras e os modos de se brincar. Também foram realizadas anotações e a organização do tempo e espaço destinado às brincadeiras.

Acreditamos que brincar é essencial, é a linguagem mais natural da criança, e é por meio das brincadeiras que elas se expressam, mostram seus sentimentos e suas ideias.

Assim, o objetivo do estudo foi apresentar algumas sugestões de atividades e reflexões sobre o trabalho com a GPT e o atletismo que foram sistematizados ludicamente, e a experiência do Dia da Brincadeira Espontânea no período da transição.

3. A PROPOSTA EM AÇÃO

O primeiro conteúdo trabalhado foi a Ginástica para Todos e, posteriormente o Atletismo, havendo toda a semana o Dia da Brincadeira Espontânea.

No caso da descrição e análise das aulas que apresentei nesse momento, foram organizadas em blocos de acordo com os conteúdos, sendo o primeiro bloco denominado de “Brincando com a ginástica” com 10 aulas e o segundo bloco chamado de “Brincando de atletismo”, com 10 aulas. Ocorrendo semanalmente, o que aqui denominamos de “Dia da Brincadeira Espontânea”, e que, por sua vez, são relatados separadamente, em um bloco à parte, para facilitar a organização da narrativa, embora tenham acontecido simultaneamente ao desenvolvimento desses conteúdos. Optei também em relatar as aulas semanalmente, de acordo com os conteúdos trabalhados.

3.1 Brincando com a Ginástica

A 1ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Apresentação da professora;
- Construir combinados;
- Assistir vídeos sobre a ginástica;
- Demonstrar livremente elementos da ginástica;
- Vivenciar rolamentos diversos;
- Brincar com o arco.

As atividades desenvolvidas foram: apresentação da professora, ouvir histórias, conversar sobre o tema da história e comportamento das aulas; diagnóstico do que eles sabem sobre ginástica, e assistir aos quatro vídeos com o tema ginástica, com demonstração livre dos alunos e da professora, e registro.

Os recursos didáticos utilizados foram Datashow, notebook, pen drive, livro contendo a história “O Macaco e o Coelho”, folhas de papel ofício, lápis de cor, lápis de escrever, arcos, colchonetes, aparelho de som e uma seleção de músicas infantis de diferentes ritmos. A avaliação dessas aulas foi dialogada e com registro das crianças, sob a forma de desenhos.

A 1ª semana de aula coincidiu com o início do ano letivo e introdução das crianças às aulas de educação física, desse modo um dos objetivos do

planejamento previa minha apresentação e ao mesmo tempo conhecer os alunos. Comecei essa conversa e falei que seria a professora de Educação Física e que teríamos 3 encontros semanais. Inicialmente, expliquei que a Educação Física contém vários conteúdos e que as aulas, na maioria das vezes, incentivam a movimentação do corpo e que no decorrer das aulas iríamos participar de diversas brincadeiras. Falei também que cada aula seria uma nova experiência corporal, e que eles seriam participantes ativos e que suas ideias eram bem-vindas.

Então, após me apresentar, eu contei uma história chamada “O Macaco e o Coelho” o fato de contar uma história para a partir daí executarmos uma atividade brincante lhes é bem familiar, pois no Centro de Educação Municipal de Educação Infantil (CEMEI), as educadoras sempre fazem assim no dia de uma aula denominada recreação, neste dia é orientado que trabalhem mais com o eixo movimento.

A intenção de contar a história foi de iniciar um diálogo sobre as responsabilidades que as crianças devem assumir quando estão nas aulas de Educação Física. Isso porque o estabelecimento de regras relativas ao que se deve ou não fazer nas aulas pode ser também feito de forma lúdica. Assim, a partir da história abaixo, transcrita, foi iniciado o momento dos “combinados”.

O Macaco e o Coelho:

Um macaco e um coelho fizeram à combinação de um matar as borboletas e outro matar as cobras. Logo depois o coelho dormiu. O macaco veio e puxou-lhe as orelhas. - O que é isso? Gritou o coelho, acordando dum pulo. O macaco deu uma risada. - Ah! Ah! Pensei que fossem duas borboletas... O coelho *'danou'* com a brincadeira e disse lá consigo mesmo: “Espere que você vai me pagar”. Logo depois o macaco sentou-se numa pedra para comer uma banana. O coelho veio por trás com um pau, e *lept* - pregou-lhe uma paulada no rabo. O macaco deu um berro, pulando para cima numa árvore. A gemer e chorar. - Desculpe, amigo - disse lá debaixo o coelho. - Vi aquele rabo torcidinho em cima da pedra e pensei que fosse cobra. O coelho saiu dando risada, mas também passou a sentir medo da vingança do macaco. Foi desde aí que o coelho, de medo do macaco vingar-se, passou a morar em buracos (LOBATO, 2002, p. 48).

A partir dessa história conversei com eles e fiz algumas perguntas, de modo a entender o real sentido da fábula e as emoções geradas pelos personagens. Segundo Yunes (2010) a obra precisa refletir a articulação de muitos elementos e estabelecer outro critério: o de respeito pela inteligência e sensibilidade infantis.

A imaginação faz as crianças criarem novas possibilidades de perceberem o mundo. Ao ouvir a história elas se lembram da realidade que vivem e querem contar os seus “combinados” feitos com seus familiares.

Nos relatos ouvidos sobre tarefas a eles atribuídas (arrumar a cama, guardar os brinquedos, tomar banho, entre outros) percebe-se o senso de responsabilidade e a aquisição de deveres, direitos e respeito ao próximo. Desse modo, por meio do diálogo, se estabelecem as relações do que é importante ser feito nas aulas e o que não deve estar presente.

A construção da relação de cumplicidade entre professora e os alunos e entre os próprios alunos é intermediada pelo despertar sentimentos: “O sentimento amplia nossas possibilidades de lidar com o mundo” (SURDI, 2018). E as crianças ao perceberem que os “combinados” é algo que traz benefícios para todos rapidamente aceitam o que é proposto.

Foto 2 - Momento inicial: a hora da história e conversa



Fonte: Registro feito pela autora

E assim juntos construímos algumas regras para que as aulas possibilitassem vivências dos movimentos e das brincadeiras de forma agradável. Os “combinados” estabelecidos foram sempre sair da sala andando, não brigar, não agredir o colega nem físico (com empurrões, rasteiras e qualquer outro modo que afligisse o colega), nem verbalmente, obedecer ao pedido da professora, sempre buscar aprender, ser feliz, esses acordos foram feitos de forma dialogada. Eu mencionava o combinado e perguntava a eles se estava bom, se podia ser, e eles concordavam ou discordavam. Eles também acrescentaram que os colegas não deveriam ficar falando que criança A namora com criança B, e eu acrescentei mais este combinado. Vale mencionar que uma vez estabelecida essas regras ou

“combinados” as aulas passam a fluir melhor, pois houve uma conversa clara sobre o como deve ser o comportamento de todos no momento das atividades. Essa organização é o momento em que se estabelece os limites para a relação com o professor e com os colegas.

Em seguida, preparei a exibição de 4 vídeos sobre a ginástica, todos curtos, de 2 a 3 minutos cada, totalizando 10 minutos de exibição. Elas ficaram encantadas ao término do 1º vídeo que foi a ginástica de circo, houve aplausos, pois na percepção delas “foi lindo”. As outras apresentações mostraram a ginástica rítmica e a artística, com aparelhos. E, por fim, o último vídeo apresentou como surgiu o movimento da ginástica e como ela era vivenciada, no período militar, sendo bem dinâmico com fácil entendimento para a idade deles.

Foi interessante ver seus olhos atentos, prestando muita atenção, vibrando com os gestos exibidos e os comentários:

“-Este eu sei fazer!”

“- Este movimento eu sempre faço em casa!”

“- Tia eu consigo fazer todos os movimentos de ginástica”.

Nesse momento, gostaria de elucidar a questão do uso da palavra “tia” nas aulas. Isso ocorre, pois aqui em Nanuque/MG é um costume de toda a comunidade de alunos, da Educação Infantil até o final do Ensino Fundamental das Séries Iniciais, usar esse pronome para tratamento às professoras. Já no Ensino Fundamental das series finais em diante não se ouve mais essa palavra para se referir à educadora. Todas as professoras são tratadas pelo nome de “professora”. Nesse sentido, concordo com Paulo Freire quando elucidada que:

Professora e tia são dois papéis distintos, pois para ser professora é necessária uma formação acadêmica, uma profissão com direitos, enquanto ser tia trata-se apenas de um relacionamento de parentesco com a criança sendo outros tipos de comportamentos, habilidades e responsabilidades. Igualar tia á professora é reduzir sua profissão de ensinar, de ter direitos e serem livres para brigarem se preciso for pelos mesmos (FREIRE, 1997, p. 7).

Feitas essas considerações, entendo que tratar a professora pelo pronome de tia, em minha realidade local, é mais que uma forma carinhosa, é também uma questão de cultura e costume de um povo, particularmente, eu não tenho nenhum problema quanto aos pronomes de tratamento, na relação professora-aluno e, em

meu processo de formação, tenho claro a minha liberdade de direitos e de meu ofício como educadora.

Após os vídeos, sentamos e conversamos, fiz a intermediação da conversa, perguntando se eles gostaram se já praticam alguma ginástica em casa? Qual seria o exercício mais fácil para eles, se já sabem fazer algum dos gestos mostrados no vídeo, e se sabem qual seria.

As respostas sempre foram positivas, uns falavam que faziam cambalhota na cama em casa, outros diziam que sabiam fazer estrelinhas, todos bem receptivos com o tema e alegres ao declarar que já sabiam os fundamentos assistidos.

Fizemos, então, um alongamento e pedi para que mostrassem na prática o que já sabiam executar. Uns rolaram, outros fizeram estrela, alguns fizeram ponte. Esse momento foi bem dinâmico. Eles adoraram mostrar suas habilidades, tiveram os que pediram ajuda, mas todos participaram, pois foi um momento curto.

Nesse primeiro encontro, por meio do diálogo e comportamento, percebi que eles são curiosos e tem interesse por jogos e brincadeiras, quando a criança brinca ela estabelece relações que estimula o seu conhecimento de forma lúdica.

Foto 3 - Execução Livre: Demonstração de movimentos que já conheciam através de suas vivências da cultura de movimento e alongamento.



Fonte: Registro feito pela autora.

Em seguida, voltamos para a sala e eu pedi para eles registrarem o que eles entenderam por ginástica, conforme os vídeos e suas percepções do que sabiam executar. A maioria fez desenhos e, estes por sua vez, propiciaram a integração entre a ação, a cognição, a percepção, a imaginação e a sensibilidade. Cada criança fez do seu jeito uns mais criativos e detalhistas, outros bem abstratos. Surdi (2018, p.190, *apud* PONTES, 2001) diz que:

A arte perpassa a relação das crianças com os conhecimentos próprios com suas emoções, pois permite a expressão, a

comunicação e a representação em todos os momentos, a arte possibilita a síntese entre cognição, emoção e corporeidade.

Foto 4 - Registro em sala o que entendem como ginástica.



Fonte: Registro feito pela autora

Percebi pelos registros que os alunos estão em processo de socialização, basta notar o modo de retratarem suas experiências com os colegas. Segundo Kishimoto (1998, p.44) “A socialização infantil precisa ser compreendida como social e coletiva”. Nesse sentido, o ensino aprendizagem ocorre em diálogo com o outro, e durante as aulas faço propostas do que deve ser realizado, e na execução dos gestos aponto os erros e acertos da turma. Entendo também que através do desenho a criança expressa suas emoções, sensações e percepções, e estas percepções estão em construção e podem ser trabalhadas e vivenciadas nas aulas de educação física.

No 2º encontro da semana iniciamos a aula com um alongamento e eu expliquei que naquele dia iríamos trabalhar fundamentos da ginástica artística e rítmica. Iniciamos com o rolamento, cada criança recebeu um colchonete e eu mostrei como fazer o rolamento sem machucar a cabeça. Esse rolamento é conhecido por eles como cambalhota, fizemos o passo a passo e eles rolaram ao meu sinal.

Foto 5 - Rolamentos: experimentação de diversas formas, com apoio e de lado.



Fonte: Registro feito pela autora

A cada rolamento realizado era como se eles tivessem feito um “gol”! Vibravam, corriam e gritavam, era uma alegria que contagiava! Alguns que não conseguiam, me pediam para ajudar e eu fazia o apoio, indiquei que poderiam rolar de ladinho até conseguirem rolar de frente. Uma das crianças que não estava conseguindo veio até mim e disse:

“- Tia eu não quero dar cambalhota, não”.

Então, pedi que ela ficasse sentada até o próximo exercício. Percebi que essa recusa se devia ao fato dela não conseguir transferir a força para o braço para impulsionar o rolamento. Diante disso, inseri a brincadeira do carrinho de mão em duplas para fortalecer os braços, eles organizaram as duplas por afinidade e realizaram a tarefa alegremente carregando o colega e sendo carregados. Essa brincadeira não estava prevista no planejamento, mas se mostrou necessária diante da dificuldade da aluna. Conforme destaca Rinaldi (2016, p 107):

Os objetivos podem ser flexíveis e adaptados às necessidades e interesses das crianças, os quais incluem aqueles expressos por elas a qualquer momento durante a aula, bem como aqueles que os professores interferem e trazem à baila à medida que o trabalho avança.

É importante entender que flexibilização não é improviso, a apropriação do conhecimento como algo significativo na vida do aluno deve ser o principal objetivo a ser alcançado. Para Libâneo (1994), o planejamento é um “guia” de trabalho para o professor, que não pode, de forma alguma ser rígido, “engessando”, visto que o processo de ensino está em constante movimento, e ao ser elaborado deve ser

flexível, tendo em vista que pode haver modificações, devido à dinâmica escolar, o planejamento

[...] não pode ser um documento rígido e absoluto, pois uma das características do processo de ensino é que está sempre em movimento, está sempre sofrendo modificações face às condições reais. Especialmente em relação aos planos de ensino e de aulas, nem sempre as coisas ocorrem exatamente como foram planejadas (LIBÂNEO, 1994, p. 224).

Encerramos o carrinho de mão e voltamos para o rolamento. Durante esse momento, constatei a participação de todos e muita empolgação a cada movimento realizado. A aluna que antes não conseguia fazer o rolamento juntou-se aos demais colegas e passou a executar o movimento.

Se eu como professora não tivesse a sensibilidade de redirecionar a forma de ensino aprendizagem inserindo uma nova brincadeira, que demonstra que os braços podem sustentar o peso corporal, talvez a aluna continuasse desestimulada e não aprenderia realizar o rolamento.

Em seguida, iniciei a abordagem de outra modalidade a Ginástica Rítmica expliquei que em sua prática é possível realizar o manejo de 4 aparelhos arco, fitas, as maçãs e a bola e neste primeiro contato iríamos brincar com o arco.

Assim, indiquei que faríamos uma vivência para aprender a manipulá-lo. Cada criança recebeu um arco, o famoso bambolê, e pedi para que manipulasse esse aparelho utilizando os braços, pescoço, tornozelo, cintura e, por fim, as pernas. Enfatizei cada parte do corpo trabalhado buscando conscientizá-los dos segmentos corporais e, também, explorando o ritmo com músicas infantis variadas.

Foto 6 - Vivência do Arco: Experimentação de um novo aparelho.



Fonte: Registro feito pela autora.

Percebi que eles ainda possuem dificuldade quanto ao manejo no pescoço e tornozelo e também na identificação desses segmentos corporais, mas identificavam pernas, braços e cintura, porém não se importaram em não conhecer

nominalmente todas as partes do corpo. Ao serem incentivadas a executar os movimentos, elas observam a demonstração da professora e realizam a vivência aproveitando o momento para brincar e se movimentar, e ao mesmo tempo ter um contato sensível com seu próprio corpo.

Segundo Kunz; Costa (2015, p.32), “Quando a criança vai brincar e se movimentar, o adulto serve como um auxiliar ativo nas mais variadas vivências e experiências de vida”. Os alunos são animados e participativos, uns são mais habilidosos e gostam de se exhibir, outros são tímidos, mas todos ativos, vivenciaram todos os momentos, tomaram água e voltaram para a sala, pois nosso tempo se esgotou.

Para a 1ª semana de adaptação percebo que as atividades atenderam ao objetivo que é a transição, pois foram propostas de forma lúdica, onde também lançamos mão do currículo emergente⁷ fato esse que nos identifica como educadores adaptando aos novos educandos, buscando sempre adentrá-los neste universo do Ensino Fundamental, de forma prazerosa e dentro de seus limites. Pude perceber também que não houve choro, não ficaram dispersos diante dos conteúdos apresentados.

A escolha por esse tipo de aula não foi aleatória, por saber que eles gostam de correr e de brincar sem regras. A princípio, é preciso conversar, olhar no olho, falar dos combinados e ter firmeza em lidar com todos de forma justa. As regras e o diálogo foi o ponto central, e fez com que eles percebessem que podem ter liberdade para aprender, mas devem respeitar os limites tanto da professora como dos colegas.

O fato das aulas de Educação Física proporcionar aos participantes um contato físico mais constante, isso gera afetividade e segurança elementos importante para a transição. Segundo Kunz (1994, p. 96), o “[...] movimento consiste sempre de uma totalidade de relações que envolvem situações concretas e sentido/significados para quem individual ou coletivamente o pratica”.

A 2ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Ouvir com atenção a professora e os colegas.

⁷ Segundo Rinaldi (2016, p 107) “Objetivos flexíveis e adaptados às necessidades e interesses das crianças, os quais incluem aqueles expressos por elas a qualquer momento durante a aula, bem como aqueles que os professores interferem e trazem à baila à medida que o trabalho avança”. É um segundo planejamento o qual é chamado de “currículo emergente”.

- Vivenciar possibilidades corporais correr, saltar e equilibrar.
- Aperfeiçoar os gestos aprendidos;
- Obedecer às regras das brincadeiras;
- Conhecer e vivenciar novos fundamentos da ginástica;

As atividades desenvolvidas foram a execução de diversos fundamentos da ginástica como giros, estrela, saltos, rolamentos, vela, ponte, avião, brincadeira de perseguição (pega-pega) e expressão corporal. Os recursos didáticos utilizados foram: Bola, colchonetes e fitas de TNT, e a avaliação foi realizada considerando o nível de participação e interesse dos alunos durante as atividades desenvolvidas.

Na 1ª aula da 2ª semana, antes de sairmos da sala, perguntei se lembravam do que fizeram na semana anterior e a maioria afirmou que sim e fizeram relatos dos momentos das últimas aulas. Considero essa retrospectiva importante, pois percebo que o trabalho tem significado para o educando.

Saímos da sala e nos dirigimos até a quadra, lá alongamos e sentamos no chão. Eu contei a eles a história de um “Grande barco”, para introduzir a atividade proposta.

João constrói um Barco

João tinha uma esposa e três filhos. Seus filhos chamavam-se Max, Tom e Gael. E cada um deles tinha uma esposa. De modo que a família de João era de oito pessoas.

João sonhou que um dia iria chover muito forte e ia ter tanta água a ponto de destruir todo o mundo, no sonho aparecia um homem que dizia “João constrói um barco, e se abrigue nele ou então você morrerá”. João e seus filhos começaram a construção. As outras pessoas apenas riram. Ninguém acreditava no sonho de João.

João fez o barco de modo a não entrar água. Esse barco era tão grande como um navio, mas parecia mais uma grande e comprida caixa. Ele foi feito com três andares e com compartimentos. Esses compartimentos eram para João e sua família, os animais e para a comida para todos.

João passou muito tempo construindo o barco porque era muito grande. Após muitos anos, ficou pronto. Então, João levou alguns animais para o barco. Ele se preocupou em levar dois de cada espécie, macho e fêmea, de certos animais. Das outras espécies, ele levou sete. Ele escolheu também algumas espécies diferentes de aves.

Por fim, João e sua família entraram no barco e fechou a porta. João e sua família ficaram esperando. Imagine você estar no barco com eles, esperando. Ia haver uma chuva, como João sonhou?

Foto 7 - Momento de ouvir a História do Grande Barco



Fonte: Registro feito pela autora

A preparação dos alunos por meio de histórias para iniciar a aula de Educação Física remete-os ao ambiente da educação infantil na qual essa prática é bastante comum, neste momento é possibilitado a eles a experiência do ouvir histórias, aguçando a fantasia e os deixando falar de suas imaginações criando um ambiente favorável para vivenciar novas experiências.

Durante a história fui prestando atenção nos olhares, no tom de voz, nas posturas e expressões para ir conhecendo melhor a turma, as suas particularidades. Depois, de ouvirem atentamente, conversamos sobre a importância de se respeitar os animais e de como eles se expressavam para serem compreendidos pelo ser humano.

Ensinei a eles um brinquedo cantado e pedi para que todos se levantassem e cantasse a música:

“Certo dia João pela floresta andou, girou em torno de si, e de todos os animais, e disse que um dia chuva viria e todos se molhariam, lá vem 2 crocodilos, o orangotango, as cobras pequeninas, a águia real, o gato, o rato, o elefante, não falta mais ninguém, só não dá para ver os bichinhos da goiaba”.

À medida que as crianças repetiam a letra no ritmo ensinado, faziam gestos referentes a música (giros, movimento do crocodilo abrindo a boca, o modo de andar do macaco, movimento de braços imitando as cobras, braços abertos imitando a

águia, caretas de gato e rato e a simulação de ver os bichos da goiaba colocando uma das mãos acima dos olhos, como a aba de um boné na testa), uma brincadeira cantada. Essa música foi repetida várias vezes até que todos estivessem familiarizados e fazendo os gestos. A escolha da música foi para propiciar aos educandos o movimentar – se e as possibilidades de se expressar, na oportunidade realizamos giros de forma lúdica, pois ao mesmo tempo em que inserimos um elemento da ginástica também brincamos seguir as instruções da música.

O giro, por exemplo, consiste no processo de reposicionar o corpo girando em torno de si sobre uma ou duas pernas, pode também ser executado com variação de joelhos sustentando o corpo. Pode ser feito em posições altas, médias e baixas, no mesmo lugar com ou sem deslocamentos, pode ser lento ou rápido e pode ser realizado com salto (FLOR *et al*, 2001).

Posteriormente, nos dirigimos ao fundo da quadra e organizei um fechamento com cadeiras e linhas no chão para dizer que elas (as crianças) eram os bichos presos no barco. Mas, não simples bichos, eles eram também atletas, e o plano seria deles fugirem, mas para fugir e ser perseguido, eles deveriam falar um versinho;

“No barco de João todos cabem, no barco de João todos cabem e eu também”.

A sequência desse pega-pega seria a seguinte 1º Falar o Verso, 2º girar oito vezes, 3º correr, 4º ao ser tocado pelo pegador (capitão João ou seu ajudante) voltar para o barco, 5º Incluir o elemento estrela (da forma como eles entendessem o que era “fazer estrela”) para variar a saída do “barco” entre estrela e giros. 6º quando todos fossem capturados trocar os pegadores.

Foto 8 - Pega-pega do João: todos com uma faixa indicando quem eram os bichinhos atletas e quem era o João (pegador).



Fonte: Registro feito pela autora.

As transformações que ocorreram durante as aulas salientaram de forma significativa o repertório de vivência corporal das crianças, pois os movimentos de girar, fazer a estrela e, em seguida correr, foram oportunizados de forma simples, porém, desafiadora. As brincadeiras ainda intensificaram a convivência das crianças e proporcionaram o descobrimento de novos movimentos e possibilidades corporais ainda antes não vivenciados.

Todos queriam participar da brincadeira, e cada vez que João capturava todos os bichinhos atletas, era escolhido outro João e mais um para ser seu ajudante, todos queriam ser o pegador, pois nesta posição eles se sentiam mais importantes.

Segundo Oaklander (1980, p.26) “Os sentimentos da criança são a sua própria essência” quando a brincadeira é envolvente e desafiadora, todos participam com muita energia e alegria.

Instigante também foi ver que eles vivenciaram os elementos da ginástica e, em momento algum houve competição, o brincar predominou durante a tarefa, de maneira lúdica e prazerosa oportunizando o aprendizado desses novos fundamentos.

Na 2ª aula da 2ª semana saímos da sala, organizados da forma que combinamos, em ordem, andando, ao chegar na quadra nos alongamos e sentamos no chão para uma roda de conversa. Considero este momento bem democrático, o formato circular dá oportunidade de conversamos olhando olho no olho de cada criança, a hierarquia de cima para baixo que é vivenciada na sala de aula se desfaz e elas se sentem bem, e ouvidas, durante essa dinâmica os relatos mais inusitados acontecem e conseqüentemente, é possível avaliar o que vem sendo apreendido por elas nas aulas.

Iniciei a conversa indagando o que eles tem aprendido nas ultimas aulas e citei alguns fundamentos da ginástica que elas ainda não tinham vivenciado, mencionei alguns nomes de elementos como o avião, vela, ponte, estrela, rolamentos, giros e saltos, perguntei se eles sabiam executar algum dos elementos que mencionei, rapidamente fizeram demonstrações de gestos gímnicos, a maioria demonstrou que sabiam fazer a estrela, e o rolamento algumas meninas disseram saber executar a ponte.

Então combinei que cada um fizesse os movimentos que sabiam à medida que eu ia falando o nome do gesto, à medida que eles não tinham certeza em como

executar o fundamento, eu auxiliava e exemplificava corporalmente como poderia ser feito.

Levantamos e começamos pelos saltos executamos saltitos, salto tesoura e salto galope, o próximo elemento foi os giros, com variação sobre um só pé, na ponta do pé, com os dois pés no chão; já um pouco cansados nos concentramos no avião, fizemos na sequência de três estrelas, esse elemento para eles é bem complicado de executar, mas fazíamos como sapinhos com as pernas dobradas para os menos habilidosos, e com as pernas bem estendidas para os mais habilidosos em três sessões de três execuções,

Novamente nos organizamos em círculos ajoelhamos e realizamos o rolamento nos colchonetes no chão, fiz a demonstração chamei a atenção para prender o queixo no pescoço e rolamos por três vezes, já no chão nos deitamos e realizamos a vela três vezes de dez segundos. Por fim já deitados foi a vez da ponte, em todos eu realizava junto com eles e fazia apoio também, a ponte foi o mais solicitado o apoio e a atenção para ficar olhando.

O momento foi de demonstração, conhecimento e vivência rápida, eu realizava o educativo fazia a demonstração e, logo em seguida, era a vez das crianças e eu ficava fazendo o apoio, auxiliando e coordenando o tempo. Podemos dizer que foi um aquecimento para prepara-los para a próxima atividade. Em seguida, pedi para que se sentassem e se organizassem novamente em um círculo, então comecei a explicar a brincadeira do “Corre Cutia”:

Primeiramente todas as crianças deveriam sentar em círculo, no chão; em seguida uma delas seria escolhida e deveria ficar em pé com a bola na mão; depois as demais permaneceriam sentadas e deveriam cantar a música do “Corre Cutia” *“Corre cutia na casa da tia, corre cipó na casa da vó, lencinho branco caiu no chão, moça bonita do meu coração, pode soltar pode!”* de olhos fechados, enquanto a criança que estaria em pé correria em torno do círculo; quando a música terminasse ela deveria escolher uma criança sentada e colocaria a bola atrás dela; a criança que recebeu a bola deve tentar pegar aquela que a escolheu e tentaria lançar a bola para queimá-la (uma perseguição) antes que a criança que fugia sentasse em seu lugar no círculo; se a criança que perseguiu a outra a queimasse ela ganharia o direito de ser quem continuaria a brincadeira cantada correndo ao redor do círculo; caso não queimasse seu perseguido ela deveria realizar um desafio proposto pela turma. Esses desafios deveriam ser, obrigatoriamente, um fundamento da ginástica,

desde um simples avião até uma ponte. Assim, que executasse o desafio ela passaria a ter o direito de ser quem continuaria a brincadeira correndo ao redor do círculo e escolhendo um novo colega para colocar a bola atrás.

A tarefa foi bem aceita e houve participação de todos, o pedido para a realização do desafio da estrelinha foi o mais solicitado, mas também teve avião, rolamentos, vela e ponte. Outro requisito meu, foi que cada vez que uma criança já houvesse participado que ela desse a vez para outro colega, para que o maior número de crianças vivenciasse a brincadeira de modo completo.

Porém, nem sempre esse pedido funcionou, algumas crianças foram mais de uma vez e outras não foram escolhidas. Isso porque é normal que as crianças se identifiquem mais com um, dois ou três colegas e, em algumas situações, tem aquela criança que todos se identificam na sala. Dessa forma, os pares por afinidade ou os mais queridos receberão a bola com mais frequência e teremos também aqueles que nem conseguirão receber a bola.

Segundo Libâneo (2004) a aprendizagem se consolida melhor se forem criadas situações de interlocução, cooperação e diálogo, entre professor e alunos de modo que estes últimos tenham chance de formular e operar com conceitos.

A tarefa do educador como mediador é ajudar os alunos durante os processos educativos e desenvolver em quem está aprendendo a capacidade de discernir a importância da participação de todos durante uma aula, pois deste modo todos irão se apropriar do aprendizado proposto.

Foto 9 - Corre Cutia com variações de desafios com elementos da ginástica.



Fonte: Registro feito pela autora.

Segundo Vieira (2009, p.127) “[...] a Educação Física escolar possibilita a apropriação de conteúdos e a transformação destes, preocupando – se, assim, com a recriação da cultura, além de permitir, dar vazão à sensibilidade, ao lúdico e à criatividade”.

Quando os colegas pediam um fundamento que o aluno não se sentia a vontade para realizar, eu o motivava a fazer aquele elemento que ele tinha maior êxito em realizar e, assim sem constrangimentos cada um foi participando dentro de suas limitações. Segundo Sarmiento (2015, p. 20):

As melhores possibilidades da compreensão do movimento das crianças é através da atividade lúdica, da atividade esportiva, da expressão dramática, a criança se torna um sujeito mais autônomo, mais competente no domínio da sua motricidade, mais livre também e, por isso mesmo, mais apto para todas as aprendizagens.

De um modo geral as crianças brincaram se divertiram e se movimentaram, e o aprendizado aos poucos foi se construindo. A avaliação da 2^o semana ocorreu ao longo dos diálogos realizados em aula e da demonstração do que as crianças aprenderam e souberam realizar.

A 3^a semana foi estruturada com os seguintes objetivos;

- Apresentar às crianças o mundo do circo como uma possibilidade da prática da ginástica.
- Desenvolver a percepção auditiva;
- Aprender a ser mais colaborativo brincando em grupos, interagir com os colegas e aprender a dividir;
- Respeitar as limitações, e fazer os movimentos de ginástica;

As atividades desenvolvidas foram a história dramatizada “Aventura no Circo”, e as orientações conforme foram acontecendo ao longo da narrativa: brincar com a fita, e obedecer às orientações da brincadeira “Maremoto”. Os recursos didáticos utilizados foram: aparelhos do circo como monociclo, malabares, pernas de pau, fantasia do palhaço, narizes de palhaço, diabolô, rola-rola tábua de equilíbrio, arcos, fitas de papel crepom, papel ofício, lápis de cor, lápis de escrever e a avaliação foi realizada em registros de desenhos realizados pelas crianças.

Iniciamos a aula com uma roda de conversa e assim realizei o levantamento de hipóteses com questões sobre o circo:

“- Quem conhece o circo? Quem já foi em um circo? Quais apresentações acontecem lá? É bom? Vocês gostam do circo? Quais apresentações vocês mais gostam?”

Praticamente todos conheciam o que é um circo, todos já tinham ido a uma apresentação de circo, e tinham uma lembrança sobre o palhaço, figura que deixou

marcas em suas memórias, outros se lembraram dos bichos, outros dos malabaristas, alguns da bailarina.

Mostrei para eles uma imagem e logo todos reconheceram:

“- É o palhaço!”

Esse personagem é reconhecido por todos. Esse momento de diagnóstico é importante, pois a partir das hipóteses levantadas é possível situar a vivência corporal em um contexto familiar para criança. Além de aguçar a imaginação e despertar o desejo pelo aprendizado da prática corporal.

As crianças gostam de saber o que estão aprendendo dando significado ao que fazem nas aulas. Elas vibram por poder participar de uma vivência corporal que parecia distante, mas agora está bem pertinho delas.

Assim, fomos para um espaço maior e ali já havia alguns objetos usados no circo (preparei o ambiente antes da aula começar), seus olhos brilhavam, e logo todos queriam pegar, e manejar todos os objetos, (subir na bicicleta, equilibrar sobre a bola no chão, subir na perna de pau e tentar andar com ela, manusear o diabolô, e também os objetos de malabarismo). Eles vivenciaram os aparelhos de forma ordenada, cada um em seu momento, e demonstraram muita animação, mesmo sem ter habilidades subiram nos aparelhos com minha ajuda e dos próprios colegas. O sorriso, a alegria no olhar, a satisfação de vivenciar este momento circense foi diferente para eles.

Foto 10 - Dia de Circo: vivência com matérias do circo – experimentação, equilíbrio.



Fonte: Registro feito pela autora

Então, solicitei que eles fizessem os gestos e vivenciassem de forma dramatizada (de forma imaginária) uma história que iria contar; que eram as aventuras de crianças para chegarem até onde o circo foi montado. Iniciei a narração:

Havia crianças que gostava de conhecer, saber de novidades. Um dia elas foram para o campo. O que elas encontraram lá? Campos verdes... vamos caminhar saltando com um pé... Caminhando na ponta dos pés. Hum, a grama está fofa, vamos rolar. Olha! Lá longe há uma montanha. Chi! por cima não dá para atravessar, por baixo também não, mas temos que passar! Vamos caminhar. Olhem lá, árvores! São altas vamos nos pendurar nelas. Saltar lá do alto. Vamos dar umas voltas. Vamos continuar caminhar. Ih, um rio!... Não dá para passar por cima; por baixo também não dá, mas temos que passar. Vamos dar saltos muito pequenos, pisando em pedras, molhando os pés... Agora teremos que nadar... Vamos nos sacudir porque a roupa ficou toda molhada... Olha lá uma ponte! Vamos atravessar? – Opa! Por cima não dá, por baixo não dá, mas tem de saltar com passos muito largos e pequenos, intercalando! – Vamos subir. Vamos descer... Vamos caminhar. Olhem, uma caverna! – Vamos entrar? – Puxa! Está tão escuro – Epa! Tropeçamos em algo. Vamos pegar. Pegamos alguma coisa peluda! Que coisa quente, que nariz gelado, que dentes. – Parece que é... um urso! Não, me enganei, é uma onça!!! – Corram! Entrem no rio, vamos nadar de novo! – Olha a árvore! – Vamos dar a volta! – Olha a ponte! – Vamos passar! – Cuidado, não pode correr muito, se não ela cai. Quantas pedras no rio! Vamos saltar! – Cuidado, não pode correr muito, se não ela cai. Quantas pedras no rio, vamos saltar por cima delas? (saltar). Vejam, uma barraquinha. Vamos descansar (exercícios respiratórios). Tem gente fazendo comida aqui por perto (exercícios respiratórios). – Estou com fome. Vocês também? Ufa! Até que enfim! Chegamos!!! Olha o Circo! Depois de toda essa aventura, que tal um pirulito? Vocês foram heróis (cada criança recebeu um nariz de palhaço).

Durante a história utilizei uma fantasia (a roupa do palhaço), foi uma estratégia para chamar a atenção, tornar a história com um clima lúdico. Busquei aguçar imaginação e fantasia, e também despertar a atenção sobre o que era narrado e simultaneamente realizado por eles. Para Dias (2008), no desenvolvimento da criança é necessário tempo e espaço para trabalhar a construção do real pelo exercício da fantasia. A imaginação da criança é sua possibilidade de ação que lhe permite adquirir conhecimento.

Foto 11 - fantasia do palhaço.



Fonte: Registro feito pela autora

Eles vivenciaram cada parte da história executando as ações se incorporando à trama através da imaginação (caminhar, saltar com um só pé, caminhar na ponta dos pés, rolar, saltos muito pequenos, saltar com passos muito largos e pequenos, intercalando, subir, descer, correr e realizar exercícios respiratórios.). Por fim, por serem “vencedores durante a aventura”, cada um recebeu um narizinho de palhaço e um pirulito.

Foto 12 - Final da aventura do Circo.



Fonte: Registro feito pela autora

Ao voltar da quadra perguntei se eles gostaram da aula e a resposta foi unanime “sim”; uns disseram “foi bem legal”, outro “Eu vivenciei todos os aparelhos, tia”. Percebo, então, que a aula no qual há material de apoio e quando os objetos

podem ser manipulados o interesse dos alunos é maior e o aprendizado pode tornar-se mais significativo. Já na sala de aula pedi a eles que fizessem o registro da aula, e eles fizeram, conforme foto 13.

Quando a criança tem a oportunidade de se expressar artisticamente através de seus desenhos ela amplia suas formas de linguagem e experiências perceptivas, quando o professor propõe essa tarefa ao aluno enriquece o conhecimento e amplia o seu mundo simbólico.

A expressão não é um processo isolado, fruto de um desenvolvimento natural, mas objeto de uma ação cognitiva, afetiva e motora da criança sobre o repertório cultural a qual tem acesso. É o resultado de ações em reciprocidade, nas quais a criança internaliza os elementos e constrói relações, vinculando às suas experiências culturais (VIEIRA, et al, 2009, p.59).

Ou seja, o desenho me apresenta a capacidade de expressão das crianças com relação ao seu aprendizado, a sua percepção das aulas e do mundo que ela vivencia, uma vez que elas ainda não dominam a escrita.

Foto 13 - Avaliação das crianças com os desenhos sobre a vivência da aula historiada.



Fonte: Registros feitos pela autora.

Nos desenhos é possível visualizar que as crianças representadas, em sua maioria sorriem. Em um deles a aluna demonstrou suas múltiplas capacidades desenvolvidas em 3 aparelhos: a bola, a perna de pau e a prancha de equilíbrio. Em outro desenho o manejo do diabolô ocorreu em parceria com o colega de turma. E, em outro, a aluna ocupou toda a folha desenhando sua habilidade no manejo da bola.

Nessa ocasião aconteceu um episódio curioso, duas alunas chegaram bem depois que tínhamos começado a fazer o registro, elas falaram que na vinda da quadra, passaram no banheiro e a professora regente que sempre está na sala durante a aula (ela pergunta se pode ficar na sala nestes momentos de registro e eu digo que sim, sem problemas), disse:

“- Quando estas alunas saem da sala esquecem-se da vida”.

No 1º ano do Ensino Fundamental, tudo é novidade as crianças querem explorar o ambiente, fazer novas descobertas e a todo o momento pedem para ir ao banheiro ou tomar água, o que elas sentem na verdade é uma necessidade de se movimentar, ficar livre, brincar, elas são curiosas, gostam de estar em movimento, de explorar novos lugares, o que elas não gostam é de estar parada.

Segundo (KUNZ, 2015, p. 88) “[...] as crianças precisam brincar mais, e ficar mais livres para se-movimentar, mas a escola, como instituição, não entende dessa forma”.

Na 2ª aula da semana, fiz uma retrospectiva da aula anterior para ver se as atividades trabalhadas estavam sendo significativas para eles. Eles lembraram em detalhes tudo o que tinham vivenciado.

Novamente, vale lembrar a importância do diálogo nas aulas, pois para além da expressão corporal, do movimento e do ato de desenhar, com o diálogo constante as crianças são estimuladas a lembrar o que vivenciaram. Diante dos seus relatos é possível entender que as tarefas selecionadas foram interessantes e têm deixado memórias boas em suas vidas.

Conforme descrito no cronograma, na aula desse dia, trabalhamos com uma brincadeira com o nome de “maremoto”. Essa atividade aborda as percepções dos alunos e funciona como um tipo de atividade historiada. A sua narrativa é a seguinte: os alunos estão em um barco e a professora é o comandante. Esse barco é fictício, na verdade são vários arcos espalhados pelo chão e ocupados pelas crianças. A partir das orientações da professora eles executam tarefas que pode ser se deslocar para a direita, esquerda, movimentar-se no plano alto, baixo, dançar, ficar paralisados como estátuas, saltar; sempre usando da imaginação para se sentirem no mar, às vezes agitado, às vezes calmo. Entretanto, quando ouvem a palavra “maremoto” saem correndo e trocam de “barco”.

Quando todos já sabiam realizar os gestos acrescentei à brincadeira variações com elementos da Ginástica Rítmica (GR). Com uma fita improvisada de

papel crepom ensinei aos alunos os balanceios, espirais, circundações, e ainda acrescentei rodadas e assim exploramos partes do corpo como ombro, braços e mãos. Essa atividade, além de ser divertida desperta a imaginação das crianças. O fato de viver uma fantasia (de estar em um barco navegando) é interessante e próprio da idade de 6 anos que está encerrando essa fase do imaginário, do amigo invisível, do conversar sozinho.

Foto 14 - Vivência da fita – Brincadeira Maremoto



Fonte: Registros feitos pela autora.

Conforme destaca Kishimoto, “[...] A brincadeira infantil garante a presença do lúdico da situação imaginária” (2008, p.39). É um adentrar no seu mundo particular e fazer voltar lá dentro do contexto escolar da Educação Infantil, com as aulas de Educação Física é possível fazer esse elo positivo dentro do imaginário da criança.

É possível perceber que o seu contexto é algo simples, algo que a faz pensar, a gostar de brincar e de se imaginar sendo o navegador de um barco. Segundo Oaklander (1980) por meio da fantasia podemos nos divertir junto com a criança.

A 4ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Entender explicações e se movimentar com autonomia;
- Compreender regras, e respeitá-las;
- Movimentar - se em saltito, trocando de “casa” na brincadeira;
- Tocar no colega para congelá-lo;
- Descongelar o colega passando por debaixo de sua perna;
- Trabalhar em duplas e respeitar a limitação de entendimento de cada um;

As atividades desenvolvidas foram um aquecimento com corrida, ouvir histórias, conversar sobre o tema; brincar de coelhinho na toca, alongar de forma diferente, brincar de pega-pega e praticar rolamentos.

Foto 15 - A hora da corrida - aquecimento



Fonte: Registro feito pela autora

Os recursos didáticos utilizados foram livro contendo a história “O coelho Juca” e colchonetes. A avaliação dessas aulas foi com observação referente à capacidade de seguir as orientações combinadas, a motivação, e participação às propostas das atividades. Chegamos à quadra, alongamos e nos organizamos em duas filas para participar de um aquecimento em corrida (uma corrida que engloba na ida o correr de frente e na volta o correr de costas alertando-os para atenção e equilíbrio).

Notei que as crianças estavam bem competitivas nessa atividade e se esforçavam para mostrar suas possibilidades de ser mais veloz que o colega. Nesta euforia, alguns caíram na maioria das vezes ao voltarem correndo de costas por perderem o equilíbrio, nada que atrapalhasse o desenvolvimento da aula. Em seguida, sentamos no chão em círculo e eu contei uma história “ O coelho Juca”:

Num sítio, muito longe daqui, morava dona Coelha e seus três filhinhos: Beto, Lia e Juca.

Um dia, dona Coelha, precisando sair para fazer compras, chamou os três coelhinhos e disse-lhes: Meus queridos filhinhos, vou sair para fazer compras. Se vocês quiserem, podem dar uma voltinha, mas, por favor, não entrem na horta de dona Ana. Ela gosta muito de comer coelho assado.

_ Pode ir tranquila, mamãe. Não quero virar coelho assado - disse Beto, com os olhos arregalados.

_ Nem eu! - disse tia Lia, tremendo de medo.

_ É uma pena, mamãe. As cenouras de dona Ana parecem muito gostosas - disse Juca, tristonho.

_Juca, Juca, tenha juízo. Não saia de perto dos seus irmãos!

_Está bem, mamãe. Eu também não quero virar coelho assado.

_Então, comportem-se direitinho, pois quando eu voltar vou fazer um delicioso bolo de cenoura para vocês.

_ Oba!!! - gritaram juntos os três coelhinhos.

Assim que a mamãe Coelha saiu, Beto e Lia foram brincar no jardim. Juca, porém, que era muito desobediente, passou por debaixo da cerca e foi direto para a horta de dona Ana. Quando lá chegou, foi logo comendo as alfaces e cenouras.

_Que cenouras bonitas! Vou comê-las todas! Nhoc! Nhoc! Nhoc!

Depois que já estava com a barriguinha bem cheia, Juca sentou-se para descansar perto do canteiro de repolhos.

Exatamente ali perto, estava dona Ana, colhendo cebolinhas. Assim que ela avistou o coelhinho, pegou um balde enorme e saiu correndo atrás dele, gritando:

_Volte aqui, coelhinho guloso. Já está na hora de você virar um bom assado!

Juca levou um susto, deu um pulo e começou a correr por todos os lados, sem conseguir encontrar a saída da horta.

Ele perdeu um dos sapatos no meio dos repolhos e outro dentro perto dos tomates. Desesperado, cada vez mais ele corria, e dona Ana atrás dele, gritando:

_ Volte aqui, coelho levado!

De repente, Juca ficou preso numa cerca de arame. Desesperado, começou a chorar bem alto.

_Buá! Buá! Buá!

Dona Ana ouviu o choro e jogou o balde na direção do coelhinho, e por pouco não conseguiu pegá-lo. Juca deu um pulo e conseguiu escapar da cerca, mas acabou ficando sem o seu lindo casaquinho.

Juca correu, correu, mas, como só ficava olhando para trás para ver onde estava dona Ana, não viu um laguinho que ficava perto do galinheiro e ...tchibum! caiu lá dentro.

Ainda bem que o laguinho era rasiño. Juca saiu de lá e conseguiu se esconder atrás de uma árvore. Mas, como estava todo molhado pela água fria do laguinho, começou a espirrar.

_Atchim...Atchim....Atchim.

Dona Ana ouviu os espirros e foi diretamente para o lugar onde estava o coelhinho. Mas Juca foi esperto e conseguiu escapar mais uma vez.

Dona Ana ficou cansada de tanto correr atrás do coelhinho e acabou desistindo. Foi embora, dizendo:

_ Ah, coelhinho esperto! Desta vez você escapou, mas da próxima eu pego você, com certeza, e faço um bom assado.

Então, Juca viu que estava salvo e resolveu sentar-se e descansar um pouco debaixo de uma árvore. Mas, como não sabia voltar para casa, tremia da cabeça aos pés.

Ele estava tão cansado que acabou dormindo.

Dona Coelha, aflita, já havia saído para procurar o seu filhinho fujão e teimoso, quando o encontrou ali dormindo, todo sujo sem os sapatos e sem o casaco. Ela ficou muito zangada, mas, ao mesmo tempo, aliviada, pois Juca estava vivo. Pegou-o em seu colo e foi para casa.

Quando foi colocá-lo na cama, viu que ele estava com febre. Fez um chá bem forte e lhe deu para beber.

No outro dia, ele ficou de castigo sem poder sair, enquanto seus irmãozinhos ficaram brincando de jogar bola.

Juca estava tão arrependido que prometeu à sua mãe nunca mais ir à horta de dona Ana: Desculpe, mamãe, eu nunca mais vou desobedecer-lhe. (GARCIA *et al*, 2003, p.102-103).

Foto 16 - O momento da história



Fonte: Registro feito pela autora.

Mais uma vez recorrendo a recursos utilizados na educação infantil, eles ficam atentos. Essa organização de trabalho nos proporciona a oportunidade de adentrar à realidade do aluno e não o força a vir para a nossa (adulto), pois nesta idade de seis anos seu pensamento está voltado ao imaginário, segundo Bomtempo (2008 p. 67) “as crianças constroem pontes entre a fantasia e a realidade”.

Temos assim a oportunidade de apresentar novos conhecimentos de forma gradual, leve e alegre, sem pressa, ou forçando um comportamento preestabelecido ou uma resposta pronta, depois da história fiz algumas perguntas de aplicação na vida cotidiana (se já conheciam a história?, o que chamou a atenção na história?, Quais os personagens da história? Alguém tem animais em casa? Quais? E como são?)

As crianças gostam de contar suas histórias, falar de suas vivências domésticas, elas contam suas travessuras que algumas vezes foram desobedientes, que a mãe colocou de castigo, relatam histórias do animal de estimação, que colocam a comida, a água, mas que “não limpam o cocô” e uma vez que é permitido a uma criança falar todas querem relatar a sua vivência.

A aprendizagem de qualquer conteúdo escolar tem início muito antes de a criança entrar na escola. A escola desempenhará bem o seu papel à medida que partindo daquilo que a criança já sabe for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos. É importante que ensine o aluno a pensar e ensine formas de acesso ao conhecimento, afim de que usem ao longo da vida (SABINI; LUCENA, 2004, p. 25).

Compartilhando desse entendimento e considerando as crianças inseridas no contexto escolar, é mais interessante para ela aprender algo que está relacionado com sua vida social e os professores fazem bem em ampliar tais conhecimentos. Desse modo, o jeito de ensinar durante esse período de que é o da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental nos permitem entender a criança e a infância por meio das práticas. A criança sempre traz algum conhecimento de seu meio doméstico, algumas serão cheias de informação e habilidades para desempenhar as tarefas das aulas e outros irão até parecer que nunca tiveram convivência social, mas o certo é que todos sabem alguma coisa e todos aprendem, e aos educadores cabe a paciência, a sensibilidade e a perspicácia para organizar meios de promover o aprendizado.

Em seguida organizei a tarefa do coelhinho trocando de casa. A tarefa funciona assim duas crianças de braços estendidos para cima se unem e formam uma “casinha” e uma terceira criança fica no meio dentro da “casa”, (ver foto 17) a professora reconta alguns trechos da história colocando suspense no tom de voz e, de repente, ela dá a orientação coelhinho trocou de casa, a criança que estava no meio representando o coelho sai de sua casa e procura outra para se alojar detalhe

sempre tem uma criança sem casinha, e assim toda a vez que o coelho trocava de casa essa criança que está fora da casa procura uma e entra, e em todas às vezes alguma criança ficava sem casa.

Pedi a eles para saírem saltitando, na segunda semana de aula aprendemos os saltos para usar como desafios na brincadeira do “corre cutia”, porém esse elemento foi pouco solicitado durante os desafios, o experimentamos também na história dramatizada, e mais uma vez nesta brincadeira nos surge a oportunidade de vivenciá-lo, de forma lúdica; combino com eles para lembrarem da história e dos diversos saltos que o coelho Juca precisou dar para fugir da dona da horta;

Segundo Dias (2008) a criança precisa de tempo e de espaço para trabalhar a construção do real pelo exercício da fantasia. De acordo com as minhas experiências entendo que algumas crianças não faziam questão desta regra, na verdade elas queriam brincar, trocar de “casa” participar do suspense da história, mas querem a seu modo a parte da brincadeira que não lhes é interessante, não fazem questão de obedecer.

A euforia de trocar de “casa” era tão grande, uma gritaria, uma alegria que os saltos não aconteceram todas as vezes de trocaram de casa. Ainda assim, seguimos “desinventando” e inventando modos de aprender e ensinar ginástica (AYOUB; GRANER, 2013). É válido destacar que em outras turmas algumas crianças desmanchavam as casinhas e saíam correndo junto com os “coelhinhos”. Nesta turma foi diferente somente corriam e trocavam de casinha os que foram designados para serem “coelhos”.

Foto 17 - Coelho troca de casa saltitando.



Fonte: registro feito pela autora.

Podemos perceber que a oportunidade de ter um momento a mais para as vivências lúdicas influencia na concentração e no entendimento das instruções faladas a elas. Fiz a troca para que todos vivenciassem a experiência e poder ser “coelho” se movimentar e participar de todos os momentos da tarefa. Encerramos a tarefa e retornamos para a sala.

Ao observar os alunos percebemos que houve a participação de todos, e o se movimentar com alegria. Segundo Kishimoto (1998) Na brincadeira há a predominância do prazer e da alegria, no brincar a atenção da criança está centrada na atividade em si e não em seus resultados.

Os educandos sentem quando são valorizados no processo educativo. É possível refletir que uma aula sem planejamento é chata, demora a passar e as crianças se sentem desvalorizadas.

É gracioso perceber que as aulas para esse período da infância pode ser vivenciada por meio do movimento, as cobranças podem ser poucas, mas as percepções de novos conhecimentos avançam. Já é possível ver mudanças, mas as crianças ainda não perderam a sua sensibilidade da imaginação aguçada própria da idade.

Na 2ª aula da semana conversamos um pouco em sala, fizemos perguntas da aula anterior, o “coelhinho na casa”, suas percepções e significados, de forma natural e tranquila saímos para a quadra expliquei que a proposta seria um alongamento diferenciado logo depois um pega-pega americano, em conjunto com alguns elementos da ginástica. Eu preparei os colchonetes antecipadamente, e pedi para que se deitassem um de frente para o outro.

Sempre de dois em dois, cada criança escolheria o seu par por afinidade.

Através da atividade compartilhada, da comunicação, da cooperação e até mesmo do conflito as crianças constroem em conjunto seu conhecimento sobre o mundo, usando as ideias de uma para o desenvolvimento de outra, ou para explorarem uma trilha ainda não explorada. (EDWARDS et al, 2016 p. 142)

Vale mencionar que os alunos gostam muito de tarefas colaborativas, pois podem estar junto ao colega que tem mais simpatia, e oportunizar esses momentos de vivências nos espaços da escola possibilita interações, e permiti que ela demonstre afetividade com seus colegas, entendendo que esses intercâmbios possui contribuição direta para o desenvolvimento da sua cultura corporal.

Fiz a explicação o primeiro alongamento, que consistia em trocar as pernas de um lado para o outro, demonstrei com alguns alunos a forma correta de trocar as pernas. No início, eles não estavam conseguindo, mas fui passando e fazendo o apoio, logo conseguiram; e queriam demonstrar suas habilidades, porém alguns demoraram um pouco mais para conseguir e, por fim, todos realizaram o exercício, uns muito habilidosos outros com dificuldades.

Foto 24 - Alongamento troca de pernas de mãos dadas



Fonte: registro feito pela autora.

Apresentei o próximo alongamento onde um deitava de decúbito ventral, ou seja, de barriga para baixo, e o colega sentava nas suas pernas ou as segurava e eles os que estavam deitados levantavam ao máximo o corpo (o tronco).

Expliquei que estávamos fortalecendo o centro de massa⁸, e que o seu maior centro de massa está no abdômen, ou seja, na barriga, e se realizasse o alongamento de forma correta todos poderiam conseguir fazer estrelinha. Isso os motivou, e quando falei que poderiam ficar tão flexíveis, que a cabeça poderia tocar nos pés (todas essas falas que são verdadeiras, mas não é o nosso objetivo principal) os deixaram mais animados para executar o alongamento.

⁸ O centro de massa é um ponto do corpo que se comporta como se todo o peso corporal estivesse concentrado sobre ele.

Foto 25 - Alongamento do tronco



Fonte: registro feito pela autora.

Neste movimento as duas crianças vivenciam, uma executando o alongamento e a outra fazendo o apoio.

Por fim, no último alongamento eles ficavam deitados um de frente para o outros uniam os pés e faziam a pedalada da bicicleta. Eles acharam fácil e executaram de primeira, assim terminamos nossa sessão de alongamento diferenciado.

Foto 26 - Alongamento Pedalada



Fonte: registro feito pela autora.

Ayoub (2007) defende que a ginástica deve privilegiar a dimensão humana, um ser humano sujeito e não um ser humano objeto, deve estar aberta aos

ensinamentos da cultura de movimento e criar espaços para o componente lúdico, redescobrimo o prazer e a inteireza da linguagem corporal.

Como professora das séries iniciais nesta mesma escola há cinco anos consigo perceber que as atividades referentes à ginástica, seja com alongamentos, ou aprendendo fundamento da ginástica nas brincadeiras, de forma lúdica, ou com gestos mais rígidos, é sempre um desafio, uma nova experiência, um expressar e compartilhar de emoções cheio de alegria, entusiasmo e satisfação.

As crianças gostam desse conteúdo e vão avançando com o passar dos anos já no terceiro ano estão fazendo desenhos acrobáticos e realizando os fundamentos de forma autônoma e com elegância, e eles mesmos solicitam que seja incluindo gestos de ginásticas nas coreografias apresentadas na escola.

Portanto, Ayoub (2007) afirma que estudar ginástica na escola significa vivenciar, compreender, problematizar e compartilhar conhecimento, buscar novos significados e criar novas possibilidades de educação física escolar.

Cada momento de uma aula é possível proporcionar aprendizado às crianças esse momento de alongamento nos possibilitou perceber um pouco dos limites corporais de cada criança.

Encerramos os alongamentos e eu expliquei como seria o pega-pega americano; duas crianças seriam os pegadores o restante da turma deveria fugir delas, no momento em que o pegadores tocassem em algum colega, esse deveria ficar parado (colado) com as pernas afastadas, uma criança que não está paralisada (coladas) pode vir e descolar passando por debaixo da perna do colega.

Foto 27 - Pega- Pega Americano



Fonte: registro feito pela autora.

Todos participaram com euforia, quando percebia que os pegadores já haviam colado a maioria das crianças eu trocava os pegadores, a cada troca eles vibravam e participavam com muita animação. Entenderam rapidamente a dinâmica e regras da brincadeira. Foi possível trocar os pegadores quatro vezes sempre de dois em dois.

Para Sabini; Lucena (2004) o brincar cria a oportunidade para que as crianças possam experimentar o mundo, os sentimentos e diversos acontecimentos. A minha percepção é que eles já correm sem se esbarrar, sem cair, possuem um domínio bom do corpo e do espaço, pois não houve choros, nem quedas, cada dia percebendo melhor o seu espaço e o do outro.

A dimensão dos saberes que se refere às possibilidades do se-movimentar humano aparece na Educação Física como a oportunidade de a criança ampliar o conhecimento do próprio corpo, bem como sua capacidade de realizar movimentos nos espaços e no tempo. (GONZÁLEZ; SCHWENGBER, 2012, p.24)

Nessa lógica o conhecimento da cultura de movimento é aumentado possibilitando à criança se movimentar além do que lhe é oferecido no seu contexto social imediato, também lhe é proporcionado condições de educação que inclui todos os corpos em uma trajetória cultural diferenciada.

A 5ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Vivenciar rolamentos de frente e de costas;
- Vivenciar os aparelhos aguardando a sua vez;
- Desenvolver o processo de voo durante a corrida, aperfeiçoar o gesto;
- Explorar as diversas formas de manusear os aparelhos;
- Respeitar os colegas e ter compreensão quanto ao tempo de cada um para vivenciar certo tipo de aparelho;

As atividades desenvolvidas foram educativos para rolar de frente e para trás, e brincar de pega-pega, conhecer e vivenciar aparelhos da Ginástica Rítmica e diversas bolas. Os recursos didáticos utilizados foram fitas, maçãs, arcos, bola, e colchonete e a avaliação dessa aula foi dialogada e de observação.

Neste dia a primeira atividade seria o rolamento em seguida um pega-pega. Alongamos e sentamos em círculo no chão para conversar sobre a primeira atividade e fazer um levantamento de hipótese.

Relembrei a eles que no nosso segundo encontro do ano teve uma aula com rolamento, e perguntei quem se lembrava. Prontamente todos disseram que sim, então perguntei a eles o que é rolar? Como o corpo pode rolar? Eles não tiveram nenhuma resposta, mas surgiram várias demonstrações que foram: rolar para frente, para trás, de lado, a maioria já possui um entendimento do que é, mas não conseguiram transmitir em palavras apenas pelo gesto.

Expliquei a eles de forma simples que o rolamento é a possibilidade de executar um movimento circular com o corpo, movimento esse muito usado nas apresentações de ginástica, em lutas, e no circo, e que para realizar este movimento é preciso alguns cuidados para não se machucar.

De acordo com Ayoub (2007, p.87) “Devemos sempre buscar novas significados no aprendizado da ginástica para criar possibilidades de expressão”. Preparei então os educativos para ensinar o rolamento. Primeiro ficamos ajoelhados no colchonete, em seguida encostamos o queixo no pescoço, depois posicionamos as mãos no colchonete, em formato de triângulo, abaixamos a cabeça e rolamos direcionando o impulso do rolamento na força do braço.

Na sequência realizamos os educativos para fazer o rolamento de costas, sentados juntamos as pernas bem pertinho do corpo e à abraçamos (formato de barril), assim executamos três balanceios no quarto com o apoio dos braços rolamos de costas detalhe que o queixo deve estar preso ao pescoço.

Assim realizamos rolamentos de frente e de costas, várias vezes.

Foto 18 - Rolamento para frente



Fonte: registro feito pela autora.

Vivenciamos, também, de modo espontâneo o rolamento de lado para os alunos com mais dificuldade em executar o rolamento para frente e para trás. Segundo Ayoub (2007), a ginástica quase não existe na escola devido a preconceitos e por serem atividades difíceis, e assim acontece uma limitação na Educação Física escolar, deixando de lado os temas da cultura corporal.

O que percebo também dentro da experiência com mais de dez anos trabalhando com Educação Física escolar é que não temos espaços dentro das escolas para as atividades de ginástica, todavia não devemos nos intimidar ou sentir desestimulados, devemos sim dar uma nova roupagem às aulas de educação física e apresentar aos alunos o conhecimento e a vivência da ginástica diversificando os temas e tirando o foco das aulas com caráter esportivista.

Assim, construímos novas possibilidades de experimentação da cultura corporal, com os alunos do primeiro ano usando de brincadeiras com caráter lúdico; pois mesmo sem espaços ou materiais adequados é possível reinventar o jeito de conduzir uma aula, basta querer e buscar conhecimentos necessários.

A minha experiência compartilhada é a compreensão que é possível fazer aulas diferentes em meio à adversidade.

Em seguida, organizei para o pega-pega americano (atividade descrita no relato da semana anterior) variando a atividade com a proposta que para descolar o colega era necessário rolar por baixo das pernas dos que estavam congelados.

A opção do rolamento não foi muito eficaz devido à falta de espaço debaixo das pernas para rolar por completo, porém esse motivo não os deteve de participar da brincadeira e descongelar o colega passando como podiam por baixo das pernas do colega. Então, inseri uma variação para que o fundamento do rolamento funcionasse, ao invés de pega pega americano, troquei para pique baixo, da seguinte forma: ao ser tocado pelo colega pegador, quem foi tocado deve ficar agachado, e para voltar à brincadeira um colega deve vir se posicionar ao seu lado e juntos executarem um rolamento, assim a criança que estava colada estará de volta ao pega-pega.

Percebo que a cada dia as atividades propostas ganham significado ao serem executadas, o rolamento por ser algo novo e o pega-pega por ser algo tão familiar faz junção das duas atividades algo propício que não deixou os alunos entediados e nem sem vontade de participar durante toda a aula.

Relata Ayoub (2007, p.94) que as aulas podem se transformar em “espaços abertos de ação e desenvolvimento da capacidade de decisão e de ação dos educandos” Entretanto, cabe ressaltar que o processo de conhecimento ocorre dialogicamente entre trocas que se realizam entre professores e alunos.

Na 2^o aula da semana o plano previa que os alunos tivessem uma vivência com bolas de diversos tamanhos, pesos e modalidades esportivas, mas como na escola chegou um material de Ginástica Rítmica, decidi trabalhar com os 4 aparelhos e, também, com as bolas.

Reuni os alunos em círculo e conversei com eles sobre as características de cada aparelho, quais movimentos podem ser executados, expliquei que eles teriam a oportunidade de manejar, e que deveriam fazê-lo com cuidado.

Foto 19 - Roda de Conversa e alongamento



Fonte: registro feito pela autora.

Mostrei como é manejado e alguns elementos básicos que são feitos com os aparelhos. Aos poucos eles tiveram contato com todos, demonstrando curiosidades e querendo experimentar. Porém, o que mais os chamou a atenção, ao contrário do que pensei, não foram as bolas e, sim, as fitas.

As possibilidades de movimento que ela pode realizar os deixaram fascinados, e eles a manejavam sem problemas. Assim transcorreu todo o tempo da aula apenas nas vivências dos aparelhos da Ginástica Rítmica (GR).

Ao considerarmos a ginástica como algo a ser demonstrado, devemos estar atentos para que ela não seja vista como um “produto”, desconectada de um processo, mas deve sim ser tratado como parte integrante de um processo educativo [...] (AYOUB, 2007, p.94).

Foto 20 - Vivência dos aparelhos da GR- Ginástica Rítmica.



Fonte: registro feito pela autora.

Durante a vivência demonstrei que alguns elementos da ginástica já aprendidos podem ser combinados com a manipulação dos aparelhos, como quicar a bola e realizar um avião, correr de costas e girar a fita à frente do corpo, correr e fazer cobrinhas com a fita, girar o corpo e girar as maçãs, lançar a bola saltar e recuperar, entre outros. Enfim em cada aula a criança deve ser estimulada a apreender novos conhecimentos.

3.2 Brincando com o Atletismo

A partir dessa semana iniciou-se a abordagem do tema atletismo, para o desenvolvimento deste conjunto de dez aulas que denominamos de brincando com o atletismo, foi proporcionado ao educando possibilidades de “se movimentar”, correr, saltar e arremessar não como modalidade esportiva ou competitiva, porém sabendo que as vezes as crianças querem competir entre elas, o objetivo em todos os momentos foi oferecer a condição de brincar de forma lúdica, dedicando - se a transmitir conhecimentos e possibilidades de agir de forma autônoma, durante as múltiplas formas de brincadeiras.

O diálogo foi o fio condutor para a compreensão do tema e desenvolvimento de capacidades cooperativas e interativas das crianças nas brincadeiras, durante as vivências não buscou identificar certos ou errados, quem vence ou quem perde mas mostrar que todos possuem potencial cada um na sua individualidade, sendo que somos diferentes uns dos outros. Assim passo a descrever e analisar as aulas.

A 6ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Melhorar a concentração, o reflexo e o pensamento;
- Reconhecer partes do corpo;
- Compreender conceitos (alto, baixo, esquerda direita) de forma prática;
- Experimentar corridas;

As atividades desenvolvidas foram brincadeira pegue o bloco, corrida passando a bola, brincadeira, vivo, morto com variações nos conceitos e corrida de bastões. Os recursos didáticos utilizados foram bola, bloco, corda, bastão improvisado e a avaliação dessa aula foi baseada na observação e participação nas atividades propostas.

Iniciei a aula com uma conversa com os alunos ainda em sala, expliquei que as brincadeiras a partir de hoje seriam com elementos do atletismo e não mais da ginástica. Falei que as atividades continuariam divertidas e que teríamos corridas, arremessos, saltos, e muito mais, eles me ouviram, porém não fizeram perguntas sobre o tema, apenas perguntaram se teríamos aula na quadra. Eu disse que sim.

Segundo Kunz e Costa (2015, p.40) “A criança por sua própria natureza, envolvida no seu tempo e espaço, não percebe o mundo como o adulto [...]”. Entendo com essa reação que as crianças querem brincar, se movimentar independente do tema, ela não se preocupa com conteúdos, ou programas de ensino, ela percebe o mundo de modo diferente, e para que essa infância não seja fragilizada é necessário deixá-las vivenciar brincadeiras livres, e orientadas mas sem pressões.

Saímos da sala de forma organizada e tranquila e ao chegar na quadra, alongamos e falei a eles que teríamos duas atividades a primeira seria pegue o bloco, e depois uma corrida. Sentamos no chão em duplas de frente para o colega, coloquei um bloco entre as duplas de crianças e expliquei que eu iria falar partes do corpo e eles deveriam pegar por exemplo no joelho, na cabeça, nos braços, pé, mão e tantos outros até que eu falasse a palavra “bloco” somente um da dupla pegaria o bloco.

Kishimoto (1998 p.21) “A dimensão corporal não pode estar ausente. Na relação com objetos solicitam – se o corpo e os sentidos”. Durante essa brincadeira podemos oportunizar o desenvolvimento da percepção, agilidade, reflexo, rapidez, pensamento, concentração e reconhecimento corporal. Durante as instruções eles

ficavam bem imersos ouvindo com muita atenção para poderem pegar o bloco e de certa forma vencer o colega.

A atividade se repetiu algumas vezes, trocamos as duplas para variar os pares e evitar conflitos, pois a cada instrução “pegue o bloco” quem pegava se sentia o campeão, cheio de alegria, e ainda contando seu feito para os colegas e para a professora. Essa brincadeira é simples, e cria condições de reconhecer o próprio corpo. Pois segundo Sarmiento (2015 p.16) “É fundamental compreender a criança como corpo e cultura”.

Foto 21 - Pegue o bloco



Fonte: registro feito pela autora.

Finalizamos a tarefa do “Pegue o bloco” e organizamos duas equipes mistas por afinidades em filas, a tarefa neste momento seria uma corrida de estafeta, funciona da seguinte forma a primeira criança de cada equipe deve correr com a bola na mão até determinado ponto atravessar um cone, depois de correr o percurso entregar a bola na mão do colega que já estava esperando, assim sucessivamente até que todos corressem, a equipe que completasse a tarefa primeiro seria a vencedora:

O jogo por ser livre de pressões e avaliações, cria um clima adequado para a investigação e a busca de soluções. O benefício do

jogo está nessa possibilidade de estimular a exploração em busca de respostas, em não constranger quando se erra (KISHIMOTO,1998, p.21).

Quando a realização de uma atividade propõe competição, faz-se necessário que ela também seja cooperativa, que estimule a participação, que avalie o nível de aprendizagem, como estratégia é interessante mudar os componentes das equipes para não causar constrangimentos de apenas uma equipe ser a vencedora. O educador sempre deve estar atento para que a tarefa não venha constranger ou desestimular algum aluno.

Assim quando uma equipe completava a tarefa primeiro e “vencia”, vibrava, se alegrava com gritos e saltos, então na próxima rodada a equipe que “perdeu” se organizava estrategicamente para ser bem sucedida.

Kishimoto (1998) considera que a escola cria a modalidade de jogo educativo destinada a estimular o interesse, a descoberta e reflexão. As crianças ao se organizarem escolhem, estrategicamente, um colega que corre rápido e o colocam como o primeiro da turma, falam palavras de incentivo, correm o mais rápido que conseguem. Elas percebem as situações que podem ajudá-las a ser a equipe vencedora e tentam de forma crítica e reflexiva resolver as adversidades. Ao analisar todo o contexto da atividade entendemos que sua contribuição na vida do aluno é bem além do simples ato de correr, com autonomia.

Foto 22 - Corrida por equipes.



Fonte: registro feito pela autora.

Na 2ª aula da semana ao chegar à sala estabeleci com as crianças um diálogo perguntei se lembravam da última aula; e estimei para que falassem sobre o que mais gostaram. As crianças gostam de falar, contar que foram vencedoras, que correm rápido, que na sua casa elas brincam de correr; algumas se lembram da brincadeira do bloco, esse momento sempre é dinâmico e cheio de experiências.

Entendo que; segundo Kunz (2003) a linguagem deve servir como capacidade crítica e emancipatória do processo consciente.

Na conversa considero novamente que as tarefas de movimento agora são com elementos do atletismo, e cito que aos poucos vamos, correr, saltar e arremessar, isso dentro das brincadeiras.

Sáímos da sala em ordem, tomamos água, quem precisou foi ao banheiro e, ao chegar à quadra, alongamos. Em seguida expliquei como seria a primeira brincadeira “Morto – Vivo” com adaptações, uma corda foi estendida no chão e todas as crianças deveriam se posicionar ao lado da corda e ficar atentos, pois eu iria falar e eles deveriam obedecer, quem errasse saíria da brincadeira, os desafios eram esquerda, direita, morto, vivo, alto, baixo.

Em contrapartida à primeira rodada, propus a mesma tarefa agora de mãos dadas. A finalidade nesse momento foi proporcionar aos alunos um entendimento dos conceitos de jogo colaborativo x jogo competitivo. Assim, a variação adotada foi que quem errasse receberia uma pontuação, mas não saíria da brincadeira. Dessa forma, a cada erro cometido por uma criança eu fazia uma anotação, porém todos permaneciam brincando. Essa anotação foi mesmo uma estratégia para que ninguém saísse da brincadeira, para mostrar a eles no final não havia melhor ou pior. Todos tiveram uma boa pontuação, pois o objetivo era mesmo que os alunos apurassem o gesto do salto, se apropriassem dos planos alto e baixo, e entendessem o que é direita e esquerda, e não competir.

Segundo Surdi; Marques et al (2015): “Por intermédio do brincar, a criança interage corporalmente com o mundo [...]”, e dessa forma compreende o mundo ao seu redor e os significados de diferentes situações.

Foto 23 - Brincadeira “Vivo, Morto”



Fonte: registro feito pela autora.

Em seguida organizei a turma em equipes contendo quatro participantes para participar de uma corrida de revezamento. A organização é bem simples: as crianças foram divididas em 3 filas, na quadra, de forma que elas deveriam correr entregar o bastão à outra criança e esta deveria continuar a corrida até o último componente da fila. Uma equipe entendeu a explicação e executou de forma correta, as outras não entenderam e ficaram paralisadas.

Ao fazer o planejamento me pareceu uma tarefa simples e fácil de vivenciar, porém não ocorreu como planejado. Então, evidencio que é necessário sensibilizar a prática, visualizar competições de corridas, saber como surgiu, quem pratica, os benefícios, e assim eles entendam com mais facilidade as atividades propostas, pois já estarão familiarizados com a modalidade.

Conforme o planejamento, já descrito anteriormente, houve a preocupação de organizar uma aula onde a contextualização do atletismo fosse possível, porém não foi possível implementá-la logo no início da abordagem do tema. Isso devido à logística de multimeios da escola acarretando na situação vivida e descrita. Desse modo, vemos o quanto é importante seguir corretamente o planejamento para alcançarmos os resultados pretendidos.

Assim podemos evidenciar as duas atividades, uma que fluiu de forma bem tranquila e alegre e outra que gerou possibilidades da perda do interesse pela não compreensão, porém o tempo de aula logo se esgotou e não chegamos a ter tumulto ou dificuldades durante a aula.

Foto 24 - Corrida de Revezamento



Fonte: registro feito pela autora.

A 7ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Realizar de forma autônoma os movimentos propostos;
- Ter atenção, concentração e criatividade na execução dos movimentos;
- Assistir ao vídeo com atenção, e entender a história proposta;
- Entender que o atletismo é um esporte de marca;

As atividades desenvolvidas foram corrida em circuito, assistir um vídeo com o tema atletismos, histórico e vida do atleta Usain Bolt. Os recursos didáticos utilizados foram corda, cones, colchonetes, pneus, cadeiras, data show, pen drive, computador e som e a avaliação dessa aula foi uma roda de conversa sobre as dificuldades no circuito e êxitos, e saber se compreenderam o que foi transmitido em vídeo, suas percepções e considerações da professora.

Neste dia cheguei fiz a chamada e; descemos para a quadra alongamos; então expliquei como seria a tarefa, que consistia em completar as etapas do circuito, contornar o cone, passar por baixo da corda, pular a corda, correr e arremessar um arco. Realizei a demonstração de todo os movimentos no circuito e organizei uma fila para que todos pudessem participar de forma organizada.

Foto 25 - Circuito com Estação.



Fonte: registros feitos pela autora.

Ao vivenciar várias vezes o circuito, podemos dizer como Silva (2013, p. 103) “Essa estratégia evita que as crianças fiquem desmotivadas pela repetição exagerada do gesto”. Conforme ela vai se movimentando de acordo com que o professor estabelece, aos poucos constrói a aprendizagem e o conhecimento com um curso mental próprio, cheio de reflexões e repetidas representações.

Após a atividade chamei todos para uma roda de conversa e expliquei a nova tarefa que era a variação de uma corrida de velocidade sempre de dois a dois, falei com eles a importância da largada da chegada, da preparação dos atletas e como são as provas do atletismo, sendo algumas individuais e outras em grupos de quatro. Tanto a brincadeira do circuito como a corrida possuem orientações simples e desafiadoras, e elas querem mostrar que são rápidas, e o seu se movimentar é com muita habilidade.

Foto 26 - Corrida de velocidade.



Fonte: registro feito pela autora.

Na 2ª aula da semana ao chegar à sala após a chamada conversei com eles em como seria a organização das atividades do dia, então expliquei que não iríamos descer para a quadra, “hoje vamos conhecer a história do atletismo, em que lugar acontecem as competições, vamos conhecer uma pista de atletismo, as modalidades de provas, se o esporte é coletivo, ou individual, e ainda vamos ver vídeos de competições e a história do homem mais veloz do mundo”.

Eles se mostraram um pouco decepcionados, pois para eles as minhas aulas se não tiver brincadeiras e a possibilidade de se movimentar, não é aula de Educação Física. A atitude deles é totalmente compreensível, pois até o momento durante as aulas predominou a brincadeira e o movimento, como meio de transmitir o conhecimento e construir novas aprendizagens, mas sabemos que a criança possui várias linguagens e podemos usar essa diversidade para facilitar o entendimento das atividades propostas.

As interações que ocorrem na escola entre as professoras e as crianças têm uma intencionalidade, ou seja, buscam proporcionar o aprendizado de conhecimentos sistematizados que foram produzidos ao longo da história da humanidade (FREITAS, 2008, p.146).

A Educação Física possui uma variedade de temas que podem ser trabalhados, os modos de condução da aula podem ser diversos, pois a criança possui muitas linguagens, um olhar atento e sensível do professor pode propiciar o melhor jeito de se comunicar com os educandos, para lhe transmitir conhecimento.

Nos dirigimos para a sala de vídeo e lá preparei umas imagens de pistas e provas, fui mostrando a eles e explicando cada uma, eles assistiram algumas competições de atletismo e por fim um filme em desenho animado sobre a vida de Usain Bolt.

Desse modo, foi possível concluir a aula de modo tranquilo, pois as linguagens usadas para se comunicar com os educandos ao ver os vídeos das competições e assistir a história em desenho animado estão no contexto de suas experiências cotidianas das quais eles gostam. Ao retornar para sala conversei com eles sobre as atividades da semana e pedi para falar o que mais gostaram.

Foto 27 - Imagens, vídeos e desenho sobre o atletismo.



Fonte: registros feitos pela autora.

A 8ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Apresentar atitude cooperativa e interativa durante a brincadeira;
- Aperfeiçoar o processo de voo durante a corrida;
- Aperfeiçoar o processo de voo durante o salto;
- Melhorar a atenção e concentração na execução dos movimentos propostos;
- Melhorar o equilíbrio e o gesto no movimentar se;

As atividades desenvolvidas foram corrida em grupos de quatro crianças, competindo com outro grupo com a mesma quantidade de participantes, e atividades de saltos diversos. Os recursos didáticos utilizados foram arco, cones, corda, e colchonetes e a avaliação dessa aula foi em observação da professora quanto à motivação, a cooperação, e a capacidade de equilíbrio.

Ao iniciar a semana, realizei uma reflexão com os alunos referente à experiência da última aula, o que eles recordavam referente às explicações e quanto à história animada do corredor mais rápido do mundo.

Eles possuem uma boa memória e fazem relato de tudo o que aconteceu, as memórias são assim, cada criança vai lembrando-se de uma parte da aula, com certeza cada uma lembra da parte que lhe foi mais interessante, assim com as falas montamos uma “colcha de retalhos” e conseguimos trazer sentido às atividades propostas que terão os elementos do atletismo, corridas, saltos e arremesso.

Kunz (2003, p. 28) argumenta que “[...] na perspectiva pedagógica de desenvolver a capacidade crítica do aluno, é indispensável o exercício da capacidade comunicativa [...]”. Assim nos direcionamos até a quadra alongamos e passei a explicar como seria a atividade, primeiro deveriam formar grupos de quatro

componentes e se sentarem; eu escolhia duas equipes e elas deveriam correr com o arco na mão atravessar o limite estabelecido, arremessar o arco no cone e assim, o próximo colega estava liberado para correr, a equipe que terminasse primeiro seria a vencedora.

Foto 28 - Corrida, arremesso de arco e interatividade.



Fonte: registros feitos pela autora.

A atividade por ter uma equipe vencedora pode se assemelhar com um jogo de caráter sério, onde o se movimentar não seja espontâneo e ingênuo próprio da idade de nossas crianças.

Porém, quando se trata de jogo ou de brincadeira Kishimoto (1998, p. 4) considera que “[...] o que importa é o processo em si de brincar que a criança impõe”. Quando ela brinca não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física, ela brinca pelo prazer, alegria e satisfação, em nenhum momento ela pensa no futuro, ela quer se divertir. Os benefícios da aprendizagem que ocorrem, que são visíveis e perceptíveis, podem ser percebidos pelo professor, a criança apenas quer se movimentar brincar e ser feliz.

No 2º encontro da semana as atividades foram saltos diversos, alongamos, e optei neste dia por não trabalhar com questionamentos ou alguma conversa introdutória, pois a parte de explicações do atletismo já havia sido contemplada, então apenas pedi que se sentassem, e preparei a disposição dos materiais para execução da brincadeira.

Expliquei como seriam os saltos e fiz a demonstração dos saltitos dentro do arco, e os salto por cima da corda, não haveria competição seria uma fila única para vivência e experimentação. Eles compreenderam e participaram, a variação de

tarefa foi feita mudando a disposição dos arcos e a altura da corda, para continuarem motivados e se sentindo desafiados.

Foto 29 - Sequência de saltitos e saltos sobre a corda.



Fonte: registros feitos pela autora.

Essas estratégias para a realização das aulas não irá fazer o aluno se tornar um profissional no atletismo, até mesmo por que a Educação Física escolar não tem esse objetivo, mas as aulas permitiram um se movimentar e se expressar corporalmente, reinventando a prática com os seus próprios gestos.

Podemos destacar que a vivência extrapolou o planejamento, pois a linguagem revelada na execução dos movimentos corporais mostra a capacidade de entender o que foi conversado em outras aulas.

A 9ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

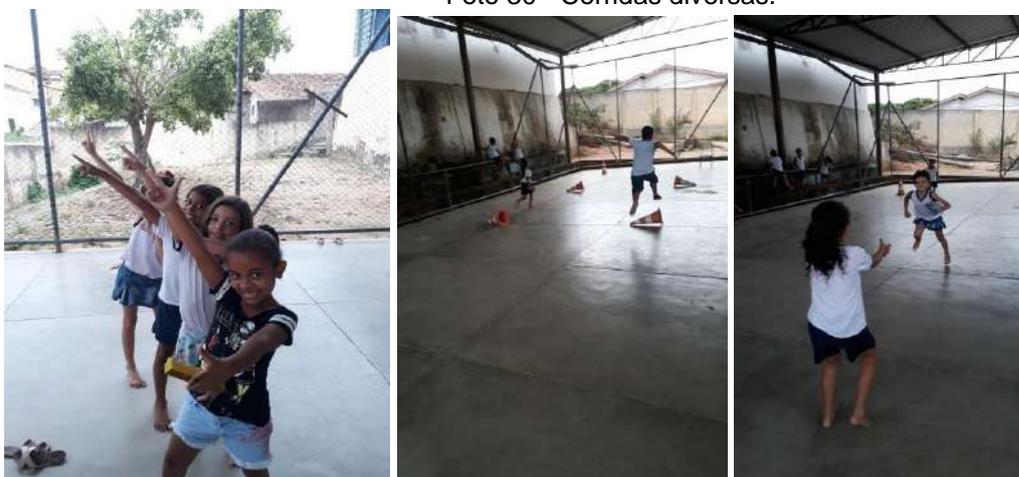
- Oportunizar aos alunos diversos tipos de corrida com vivências práticas;
- Considerar a questão da Inclusão, percebendo que as brincadeiras e esportes são para todos;
- Melhorar a concentração e estimular a audição;
- Apresentar atitude de cooperação;
- Possibilitar a oportunidade de solucionar problemas de forma autônoma;

As atividades desenvolvidas foram: Corrida de velocidade, corrida com o bastão, corrida com obstáculo, corrida orientada, e assistir um vídeo da Teresinha Guilhermina. Os recursos didáticos utilizados foram bastão adaptado, cones, fitas para os olhos, notebook, pen drive, som e a avaliação dessa aula foi a observação

da professora quanto à participação, a cooperação, capacidade de entender o que foi falado demonstrando na prática.

A aula iniciou com a rotina de chamada e alongamento, em seguida os alunos foram organizados em duas filas sendo a mesma quantidade de criança em cada fila, coloquei o material organizado para a brincadeira e passei a explicar. Primeiro iríamos participar de uma corrida de velocidade um contra um, em seguida seria uma corrida de bastão por equipes (corre, com o bastão na mão atravessa o limite e passa o bastão para o colega), e, por fim, a corrida em com obstáculo montado com os cones.

Foto 30 - Corridas diversas.



Fonte: registro feito pela autora.

O conteúdo exposto e as relações estabelecidas durante as corridas interativas, não é apenas um exercício ou um momento didático, torna-se um momento histórico, lúdico em que traz auxílio no aprendizado da criança. Nesse sentido Charlot (2000, p.67) afirma que “[...] a relação de saber é quando a criança vive e aprende”.

As crianças rapidamente aprendem a dominar o processo da corrida, partindo do não domínio para o domínio da atividade. O corpo se apropria das significações vivenciadas.

Sarmiento (2015 p.16) diz que “[...] é fundamental compreender a criança como corpo e cultura”, entendo que este corpo que corre, brinca, pula, e se movimenta sem uma conduta determinada, também aprende e entende o que lhe é ensinado durante as aulas de Educação Física, seja em brincadeiras ou explicações, e incorpora novos gestos em seu corpo e cultura cotidiana.

A 2ª aula da semana iniciou com uma conversa, falei sobre as modalidades esportivas para as pessoas com necessidades especiais, e expliquei que todos podem ser atletas independente de suas limitações, inclusive hoje, já temos competições específicas, e a maior delas são os jogos paraolímpicos.

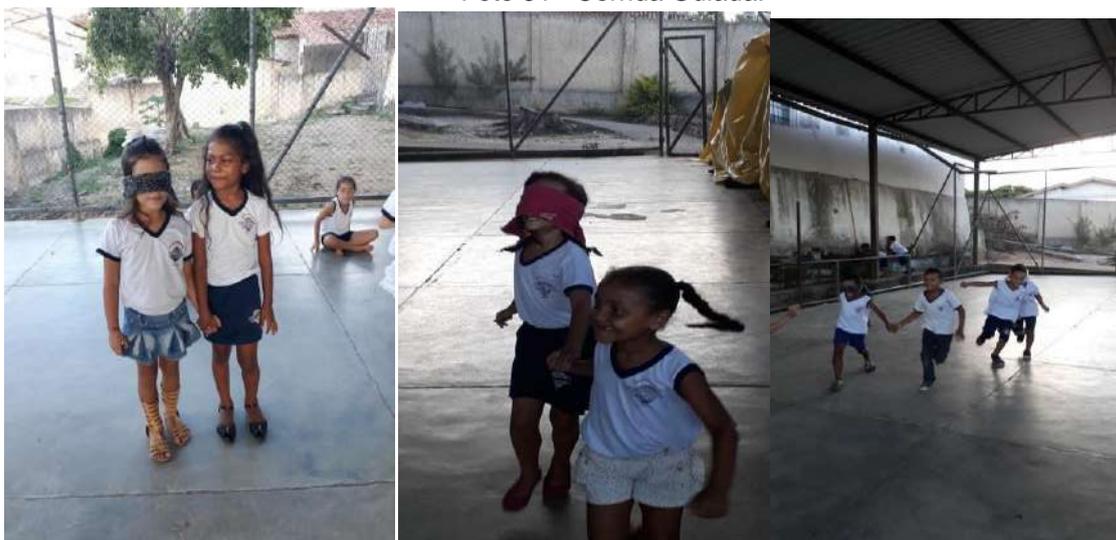
Diante de nossa realidade, no que diz respeito ao atletismo com brincadeiras, passei a falar da atleta Teresinha Guilhermina que podemos chamar de mulher raio, ela é cega, e corredora velocista. Frente a essa realidade dela falei de suas vitórias, conquistas de medalhas e recordes. Para a melhor exemplificação assistimos dois vídeos curtos da Teresinha Guilhermina em provas e um pouco do seu histórico.

Em seguida, nos deslocamos para a quadra e lá vivenciamos como é a experiência de ser guiado, um aluno vendava os olhos e outro guiava o ajudando a desviar dos obstáculos que havia no caminho esse primeiro momento foi andando.

Na sequência vivenciamos a experiência correndo, alguns caíram, outros correram totalmente em desarmonia, uns a frente, outros mais atrás, uns soltaram a mão do colega e outro que estava com a venda ficou perdido, enfim foi uma experiência nova para os alunos e uma vivência com muitas descobertas.

A aula foi tranquila e agradável e os alunos se comportaram de forma colaborativa uns com os outros, foram solidários, e os que ficaram sem duplas não ficaram sem participar, algumas crianças faziam a tarefa com mais de um colega sem problemas.

Foto 31 - Corrida Guiada.



Fonte: registros feitos pela autora.

Diante da tarefa proposta e da realidade atual, entendo que os professores não devem procurar grupos homogêneos, mas devem mostrar que todos nós somos

diferentes uns dos outros, e que essa diversidade é normal. Nessa turma não tenho nenhuma criança com necessidades especiais, porém eles são bem diferentes, uns gordos, outros magros, uns negros, outros brancos e, diante das diversidades, as atividades devem buscar incentivar a cooperação, o respeito e o valor da diferença. As brincadeiras durante as aulas de “[...] Educação Física na escola podem considerar e resgatar a cultura infantil, valorizar e explorar conhecimentos da criança”. (RECHINELI *et al*, 2008 p. 300)

Para as crianças é importante refletir e perceber as implicações da cultura de movimento e perceber que todos tem a capacidade de participar de movimentar se independente se possui necessidade especial ou não. As atividades corporais surgem como respostas e desafios da necessidade humana.

Mudar a concepção desses corpos é a marca deste período histórico. Olhar para eles sem piedade, mas com reconhecimento, acreditando em suas capacidades para além das limitações que apresentam é o que se propõe a humanidade, estimulada pelos próprios corpos deficientes e por todos os outros corpos que acreditam que todo ser humano pode superar quando tem oportunidades para tal (GAIO; PORTO, 2006, p.12).

Ampliar o repertório de possibilidades de se movimentar é importante para essa idade de seis anos, e fazer isso de olhos vendados, para elas é um novo jeito de perceber o movimento, é uma incitação. A Educação Física tem em suas aulas a oportunidade de pensar estratégias novas e adequadas para obter atenção e interesse do aluno.

A 10ª semana foi estruturada com os seguintes objetivos:

- Exploração de diferentes formas de saltar;
- Utilização de bolas para vivência de lançamentos;
- Criação de regras que favoreçam a cooperação;
- Aperfeiçoar o ato de correr e saltar;

As atividades desenvolvidas foram lançamento com bola dentro do arco, saltos diversos e competição de corridas. Os recursos didáticos utilizados foram arcos, cordas, colchonetes, e a avaliação dessa aula foi observação da professora quanto à participação, a cooperação, e conhecimento da cultura de movimento refletido no ato de se movimentar.

Começamos a aula com uma roda de conversa já em quadra, um momento interativo onde professora e alunos podem falar. As questões geradoras foram:

Quem se lembra da pista de atletismo mostrada em imagens? Quais provas têm no atletismo? Quais atletas conhecemos durante as aulas? Eles praticam qual das modalidades que temos no atletismo? Podemos praticar atletismo na escola?

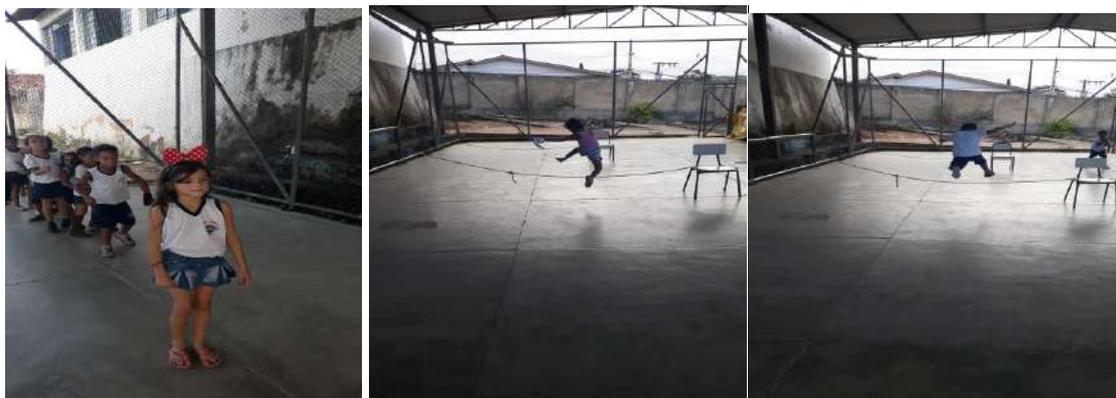
Kunz (2003; p.24) nos salienta que “[...] a possibilidade de fundamentar metodologicamente o ensino pelo plano de entendimento professor e alunos onde o esclarecimento das situações é possível” desde que adaptadas à nossa realidade.

Finalizadas as questões, iniciou-se a brincadeira de saltar; a explicação foi bem simples bastava correr, saltar o obstáculo, conforme aperfeiçoasse a vivência a altura do salto seria alterada, criando estímulos durante a aula.

Para haver experiência necessariamente precisa haver abertura. Quando esta estiver presente nas relações estabelecidas com a criança, o estímulo que pode ser dado para o “fazer” da criança poderá resultar em um universo que para ela será de experiência e descoberta. (CASTRO E KUNZ 2015, p.124).

Um aspecto importante e que deve ser considerado é que o professor incentive seus alunos a participar de todas as atividades, com palavras que os motive e os faça querer superar suas dificuldades. Muitas vezes ouvimos das crianças “não consigo” outras ficam tristes sentadas e não querem participar, a voz do educador possui força, e essa consegue conduzir às crianças a realizar tarefas e atingir objetivos, que até então para ela não seria possível. Daí a importância do professor sempre usar de sua palavra de estímulo e motivação.

Foto 32 - Salto.



Fonte: registro feito pela autora.

Conforme percebia que as crianças já haviam superado a altura inicial, eu aumentava um pouco a corda, elas vibravam quando conseguiam demonstrar que já conseguiam saltar uma altura maior. Poderíamos pensar que essa brincadeira com suas possibilidades de se movimentar seriam insuficientes, mas não foi. Ao

aumentar à altura da corda a dinâmica da aula já estava sendo mudada, então foi possível trabalhar com essa tarefa durante todo o tempo de vivência na aula, no início eram sempre duas brincadeiras com variações, e até histórias.

Inclusive Rapoport (2009, p. 46) comenta que a criança de seis anos precisam se desenvolver brincando, e através da expressão corporal, no contexto escolar deve ser assegurado o “direito da infância”. A transição aos poucos vai acontecendo respeitando seu tempo de aprendizagem e de experiência com o mundo. As tensões provocadas pela especificidade de cada criança nos cotidianos pedagógicos evidenciam um entendimento escolar em relação às diferentes demandas das crianças. Assim, umas vão se apropriar mais cedo que outras das intencionalidades do processo de escolarização do Ensino Fundamental.

O papel da professora, nesse cenário, é construir práticas que possam promover essa apropriação pautando os objetivos da escolarização e das necessidades das crianças.

No 2º encontro da semana, descemos para a quadra, alongamos e passei a abordar o tema de lançamento de peso, expliquei que a atividade seria um lançamento, uma adaptação da prova do atletismo, mas de forma bem simples. Expliquei a tarefa; as crianças devem se agrupar em duplas, cada uma deve se posicionar dentro de um arco que já está no chão um afastado do outro, uma delas com a bola realiza um giro sem sair do arco e faz o lançamento, a outra criança faz a recepção, esse movimento deve se repetir e para haver variação deve trocar as duplas.

No dizer de Kunz (2003, p.47): “Os arremessos contribuem para a aprendizagem de um “se movimentar” e de “compreender o mundo pelo agir”. Já perto do término da aula recolhi o material e iniciamos uma série de corridas rápidas e competitivas, individuais e em grupos. Eles gostam dessa estratégia de aula enquanto correm, brincam, se divertem, competem e se sentem vencedores.

Foto 33 - Lançamentos adaptado e corridas.



Fonte: registro feito pela autora.

Como diz Kunz (2003 p. 47): “O planejamento de competições alternativas confirmam as aprendizagens e as possibilidades de um trabalho cooperativo”.

Paralelo à experimentação de aulas planejadas e descobertas através dos movimentos com temas e espaços organizados de vivências com elementos da ginástica e do atletismo, organizamos um dia da brincadeira espontânea com a intenção de possibilitar às crianças experiências diversas. Nesse sentido, foram estabelecidos os espaços distintos para essa atividade.

O propósito foi proporcionar às crianças oportunidades de se movimentar livremente estimulando o brincar como uma das formas de passar pela transição de forma mais tranquila. Uma criança que tem a oportunidade de brincar é um ser humano que desenvolve um potencial diverso com condições de se adaptar a novas situações e se tornar independente dando significado às suas aprendizagens.

Passo aqui a descrever como aconteceu essa experiência, destacando que era um dia esperado com muito entusiasmo, isso nos mostra o gosto, a alegria e o sentimento de prazer de poder se movimentar e brincar, esse momento lhes traz possibilidade de liberdade, interações e descobertas.

3.3 Dia da Brincadeira Espontânea

No primeiro dia da Brincadeira espontânea, expliquei aos alunos que iríamos até a praça para brincar livremente, mas que deveríamos sair e voltar todos juntos, que seria um período da aula, e que se tivessem algum brinquedo que poderiam levar. E, assim saímos, eles brincaram, sorriram, socializaram, correram.

Quando é permitido à criança brincar e se movimentar “[...] elas sabem muito bem o que fazer exploram e vivenciam o mundo a todo momento através de variadas formas” (SURDI, 2018, p.225). Nesse “momento livre” foi quando pude ouvi-las com mais atenção muito do que vi e ouvi me fez refletir sobre os rumos a serem readaptados nas intervenções propostas. Isso também reforçou muitos dos conceitos teóricos estudados.

Na praça há alguns aparelhos de ginástica e, rapidamente 2 alunos “transformaram” esses aparelhos em uma moto, fazendo o gesto e o som característico. Outros dois alunos conseguiram uns tijolos e fizeram uma garagem para guardar o carrinho. Nesse mesmo lugar há uma escultura e eles se divertiram muito passando por dentro dela. Eu incentivava a imaginação indagando:

“- Com que se parece essa escultura?”

Eles respondiam:

“- Parece com a orelha do coelho”, “parece com uma árvore”, “parece com asa da borboleta”.

Em uma mesma pergunta para um mesmo objeto diversos tipos de respostas, é a imaginação infantil, como cada uma percebe o mundo ao seu entorno, cada criança pode possuir até cem linguagens, que nós professores possamos incentivar esse imaginário, e essa fantasia própria da infância.

Ao contrário, as cem existem. As cem linguagens da criança A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos cem pensamentos cem modos de pensar de jogar e de falar. Cem sempre cem modos de escutar, de maravilhar de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos de fazer sem a cabeça de escutar e de não falar de compreender sem alegrias de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe e de cem roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia a ciência e a imaginação o céu e a terra a razão e o sonho são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem. (MALAGUZZI, 2016, p. 5).

Durante a brincadeira eles correram, pularam, brincaram livremente e também nos aparelhos da academia que fica na praça. Uma das alunas perguntou para outro colega:

“- Você está chorando pelo pescoço?”

Provavelmente, devido ao colega estar muito suado, é possível que essa criança, em nenhum momento tenha visto alguém tão suado a ponto deste suor derramar como lágrimas.

As meninas diziam:

“- Tia até os meninos querem brincar com nós”.

Outro aluno dizia:

“- Vamos subir na asa da borboleta?”

E com os brinquedos que levaram, uma das alunas falou:

“- Não estou conseguindo montar o brinquedo”

E logo uma colega se dispôs e disse:

“- Me dá essa piraquita para mim (sic) montar”.

O brinquedo era apenas um boneco destes de super – heróis, mas ao não se lembrar do nome correto ela falou essa palavra (piraquita), algo que não tem significado formal, porém foi a linguagem usada no momento, de pressa, de ansiedade para ajudar a colega. Segundo Edwards (2016, p.46) “O professor não é a mãe, não é o colega, mas tem um papel único de valorizar as aprendizagens [...]”.

Enfim, o tempo passou e logo chegou o momento de voltar para sala. Reunimos todos, calçamos os sapatos, houve quem disse que tinha perdido o sapato e ele estava ali bem pertinho. Durante esse tempo foi possível perceber as diversas linguagens das crianças. A brincadeira é algo que faz parte do desenvolvimento da criança, para Vygotsky (1998) o brincar traz experiências que irão contribuir no aprendizado, já que brincando a criança aprende.

Foto 34 - Brincando na Praça.



Fonte: registros feitos pela autora.

No 2º dia da Brincadeira Espontânea a tarefa era trazer um brinquedo de casa para brincar livre na quadra e interagir com os colegas. Algumas crianças trouxeram, outras não. É interessante perceber que as crianças dão o seu melhor quando estão brincando, como elas ainda precisam deste recurso de brincar sem regras, brincar sem compromisso e apenas brincar, e aprender brincando e se desenvolver no momento, sem pensamento de futuro. Para Kunz e Costa (2015, p.18) O brincar, em suma é para ela um “Se movimentar criativo”.

As meninas trouxeram boneca, comidinhas, panelinhas e se juntaram com as que não trouxeram e brincaram. Elas conversavam com as bonecas, davam mamadeira, faziam diálogos entre as bonecas, teve uma criança que as colegas não deixaram participar então, ela me disse:

“- Tia, estou brincando da arca do João”.

“O aprender é um envolvimento subjetivo, intenso e significativo”, mesmo correndo à toa ela está brincando, experimentando se como ser humano livre, decidindo suas realizações e possibilitando a construção de sentidos e significados naquilo que realiza. (KUNZ, E COSTA, 2015, p.18).

Os meninos trouxeram carrinhos e se juntaram também para brincar jogando uns para os outros.

Vale lembrar que as crianças gostam de brincar sozinhas ou em grupos e para elas é sempre um prazer poder se movimentar brincando. As vezes ocorre de uma criança ser rejeitada por determinado grupo e isso é uma situação comum, nesse caso o educador deve agir naturalmente e conversar com a criança, brincar com ela, organizar alguma brincadeira para esses momentos (corda, quebra cabeça, arco, blocos) e, por fim, pedir a algum grupo que ela passe a integrá-lo.

As crianças as vezes são egoístas e fazem a seleção de amigos, porém em um ambiente escolar, o olhar atento da docente é muito importante para promover a reflexão sobre certas situações através do diálogo e propiciar que todas as crianças sejam integradas ao grupo de socialização.

Um dos alunos que não trouxe brinquedo se cansou de jogar com o carrinho do colega e tentou subir em uma árvore, e, é claro, que logo o repreendi, pois a integridade física dos alunos é de minha responsabilidade e ele ainda não tem a noção do perigo, ele quer apenas brincar e desenvolver suas habilidades.

Cada dia temos a certeza de que a criança necessita de brincar para se desenvolver. A professora regente da turma me relatou que “Eles estavam sonhando com este momento”. Penso que eles passariam horas e horas brincando, sem compromisso, pois este é o prazer da criança, brincar, e se desenvolver enquanto brinca.

Foto 35 - Brincando com brinquedos de casa.



Fonte: registro feito pela autora.

No 3º encontro da Brincadeira Espontânea a orientação foi brincar livre, sem nenhum material, nem os vindos de casa, nem os que a escola possui. Combinei com eles, antes de sairmos da sala, que iríamos brincar de pega-pega, esconde-esconde, brincadeiras que eles já conheciam que não precisariam de algum objeto.

Esse tipo de aula foi bem aceito por eles que demonstraram diversas possibilidades de brincar em grupos e às vezes sozinhos. Desde brincadeiras e gestos já ensinados nas aulas incorporadas em sua cultura corporal, como brincadeiras vindas de seu convívio e vivência cotidiana. Kunz e Costa (2015, p.33) defendem que o aprender acontece assim, pela experiência prática, livre e espontânea e, principalmente, de uma forma que é vital para a criança, brincando e se movimentando.

A criança precisa de espaço para se movimentar e se expressar através do movimento e do gesto, o brincar é próprio da infância. Ela brinca como uma de suas necessidades vitais, porque inventa o seu “se movimentar”.

Os conflitos existem, então, eu sou solicitada, mas algo simples e próprio da idade, tipo “meu colega não quer brincar comigo”, “ele me empurrou” e eu, como

educadora, busco entender e ajudar a resolver de forma tranquila e amigável, os motivando a usar o tempo para brincar e não brigarem.

Eles gostaram desse modo de conduzir a aula e ficaram bem à vontade, usaram de todo o tempo com alegria. Staviski e Kunz, (2015,p.62) entendem que o brincar livre e espontâneo deve ser um conteúdo a ser seguido e valorizado [...] a Educação Física destaca se neste contexto por preocupar – se com o maior desejo expressivo da criança, seu movimento/brincadeira

Foto 36 - Brincando livre sem material.



Fonte: registro feito pela autora.

No 4º encontro da Brincadeira Espontânea foi organizadas brincadeiras com as “amarelinhas”, no local onde elas foram pintadas, no pátio da escola. Expliquei que eu tinha separado algumas pedras para o jogo e que eles deveriam organizar suas equipes ou duplas para jogar, e que deveriam criar algumas regras para brincar, por exemplo, se pisassem na linha, se errassem a pedra, se pisassem com os dois pés quando fosse somente um, que passassem a vez para o colega, mas isso seria uma organização deles, que eu ficaria apenas observando.

No pátio temos três amarelinhas a maioria se concentrou em apenas uma, disputaram bastante para usá-la, mas logo, se direcionaram às outras duas e buscaram fazer novas descobertas ao jogar.

Acredito que ao sentirem que já dominavam a tradicional, desejaram novos desafios e buscaram algo diferente. Em especial, dois alunos, permaneceram a maior parte do tempo na amarelinha do caracol, mas por fim todos vivenciaram as três. Durante a observação pude perceber que houve alguns conflitos, coisa de “quem pula primeiro”, “fulano não quer me deixar pular”, porém nada mais além disso.

Apesar das amarelinhas estarem lá pintadas no chão da escola, parecia que eles nunca tinham pulado ou pelo menos com essa regra de desafiar o colega, ficaram concentrados e quase não pediram para ir ao banheiro ou tomar água, isso é uma percepção que a brincadeira foi interessante. Segundo Kishimoto (1998 p. 6) enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si. [...].

Eles criaram as regras entre si, tentaram cumprir, mas várias vezes vi que pisavam na linha, pulavam com os dois pés, em apenas um número quando se deve pular apenas com um pé só, vi se desequilibrarem, ou não conseguirem pegar a pedrinha em um só pé. Eles ainda estavam testando o corpo, experimentando novas posições, descobrindo novas formas de se equilibrar, estão aprendendo a respeitar as regras, a brincar colaborativamente.

[...] as crianças transformam experiências em aprendizado, em uma ação de desenvolvimento coletivo. Isso nos permite compreender que os espaços de socialização coletiva, como o dia do brinquedo, não se constituem apenas como uma atividade dos autores escolares na rotina das crianças que têm como intencionalidade promover a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Esses espaços se apresentam como local de ressignificação dos aprendizados, de socialização das apropriações das culturas escolares (LANO, 2015, p. 36).

Nesse sentido, observamos as crianças como sujeitos que se apropriam das culturas escolares por meio das práticas. É possível entender que podemos ressignificar a concepção de escolarização, compreendendo que o espaço é mutável, capaz de proporcionar aos educandos novas descobertas, aprendizagens e mais interação com os colegas, e assim aprender da sua maneira se movimentando e brincando.

Percebo que o dia da Brincadeira Espontânea trouxe um novo significado para estas crianças, quando a criança brinca, ela se desenvolve melhor, se expressa com mais clareza, o seu gesto e o seu movimento traz uma reflexão e consciência da cultura de movimento que não seria possível apenas sentado em uma cadeira ouvindo escrevendo e respondendo questões.

Em uma brincadeira simples como a amarelinha temos a possibilidade de a criança aprender e entender numerais, cores, palavras, equilíbrio e cooperação. Este espaço dentro da escola é privilegiado, pois traz para elas a oportunidade de aprender brincando de maneira lúdica, neste espaço a criança pode descobrir seus limites e avanços, seja brincando livremente ou em uma aula orientada.

As aulas da Brincadeira Espontânea proporcionam às crianças a condição de se organizarem de forma autônoma e entenderem que o brincar, também tem regras. A brincadeira é algo que faz parte do desenvolvimento da criança. Porém Surdi (2018, p. 225) nos traz a seguinte reflexão, que para alguns como pais e professores, o brincar não tem muita importância, a atividade serve simplesmente como passatempo ou entretenimento e não como algo que contribua para o desenvolvimento. Isso nos faz refletir que o brincar muitas vezes não tem a importância que deveria para a escola.

Foto 37 - Brincando de Amarelinha.



Fonte: registros feitos pela autora.

É importante destacar que podemos, juntos, docentes e equipe pedagógica, compreender os diversos modos de aprendizagem da criança e proporcionar a elas essa oportunidade, a responsabilidade de aprender de forma brincante deve ser de todos e não apenas do professor de Educação Física. Kunz (2015 p.62) comenta que o brincar livre e espontâneo deve ser um conteúdo a ser seguido e valorizado, não deve mais ser visto como um desperdício de tempo, mas se trata do maior desejo expressivo da criança.

O 5º encontro da Brincadeira Espontânea foi uma aula com atividade livre, o espaço usado foi a sala de aula. Quando conto a elas que o roteiro da aula é brincar estando elas em sala, isso lhes causa um susto ou admiração, mas também proporciona uma nova experiência. Segundo Surdi et al. (2015) as interações em sala de aula entre professor regente e alunos acontecem com pouca frequência em razão dos alunos terem que ficar sentados em silêncio apenas ouvindo fazendo deveres em seu caderno; desse modo as possibilidades de se movimentar é

limitada. Castro; Kunz (2015) deixam claro que quando há estímulo para a realização de novas experiências a criança aguçada pela sua curiosidade age naturalmente.

O posicionamento das carteiras foi modificado e eles agora poderiam brincar. Algumas meninas pegaram suas bonecas, meninos seus carrinhos, outros brincaram de bater com as mãos de dois, houve os que se levantaram e foram conversar com o colega que tinha brinquedos. E teve os que preferiram abrir livros coloridos que estavam na bolsa.

Foto 38 - Brincando livremente na sala de aula.



Fonte: registros feitos pela autora.

Nesta fase da vida que denominamos de infância a criança, se expressa de acordo com que a sociedade determina para aquele presente momento:

Nessa perspectiva, a criança ao experimentar situações, sejam elas brincadeiras, manuseio de objetos ou mesmo quando se comunica com outras crianças; apresenta suas percepções sobre o real. Essas percepções estão em constante construção subjetiva a partir da descoberta que sucede a experiência. (CASTRO E KUNZ, 2015, p.122)

Ao perceberem que podiam brincar em um espaço que até então não era permitido, isso traz a elas uma oportunidade nova de se movimentar, e a chance de adquirir novos conhecimentos.

O tempo foi dividido em dois momentos, o primeiro para interagirem livremente e o segundo para fazerem o registro em desenho das brincadeiras que realizamos na semana, e assim ver suas percepções das aulas.

Foto 39 - Registro em desenho das crianças das aulas.



Fonte: registro feito pela autora.

Para Pontes (2009 p.39) “A capacidade de simbolizar foi e é forma de humanização desde o início dos tempos, caracterizando o homem enquanto um ser que produz linguagens e organiza representações”. O desenho é a reconstrução das experiências, em grupos e individual, é um dos recursos pelo quais a criança por si mesma compreende e expressa a diversidade. Ao representar as atividades da semana em desenhos, percebemos que elas reconstroem dados das aulas, não em uma sequência cronológica, mas a partir daquilo que para elas é mais significativo.

Entendemos pelos desenhos que elas já possuem uma boa percepção corporal e compreendem que as brincadeiras nas aulas sempre serão com a participação de todos, ou seja percebem a socialização mesmo que não de forma consciente, entendem que em uma escola as atividades, na maioria das vezes, será em grupos e questões de individualidade e egoísmo aos poucos vão diminuindo.

As crianças gostam de desenhar, pintar demonstrar sua sensibilidade e expressão através de seus registros, tem imagem que só elas podem interpretar, mas é o seu modo de perceber e organizar os acontecimentos ao seu redor.

No 6º encontro da Brincadeira Espontânea eu organizei a aula de modo a deixá-los brincar livremente, sempre acompanhados pelo meu olhar atento. Levei alguns arcos para quadra, cones e brinquedos pedagógicos e os deixei livre para usar o material ali exposto. Eles brincaram em grupos ou duplas. As crianças não brincam pensando nos efeitos positivos ou negativos do seu brincar, elas simplesmente brincam porque está é sua maneira espontânea de viver e existir (Staviski e Kunz, 2015). Alguns pegaram os cones e fizeram de alvo arremessando

os arcos disputando quem acertava, os vi fazendo estrelinhas, lançando o arco um para o outro, correndo, vivendo se divertindo.

Segundo Staviski e Kunz (2015), a criança simplesmente vive seu tempo no presente, para ela o mundo basicamente acontece aqui e agora, as crianças não tem hora certa para aprender, ou deixar de aprender isso não pode ser determinado. Entendemos isso quando ela conversa de forma alegre, conta uma história fruto da sua imaginação (como minha barriga está doendo, ou estou com fome) e rapidamente fala “estou brincando” ou é “mentira” ou mais atual “te trolei” e, em seguida, volta te faz um mesmo relato e diz “estou falando sério”, é assim as crianças imprevisíveis cheias de fantasias e emoções, como educadores podemos ser firmes e sensíveis, pois a postura do adulto, seus comportamentos, é que promove a afetividade e o aprendizado.

Uma coisa muito importante para as crianças é não fazer comparações, ou mensurar o aprendizado em notas, ou gráficos, devemos sim entender que cada criança aprende alguma coisa e sempre no seu tempo, e não no tempo que queremos. Diante das práticas já realizadas é possível perceber que as atividades desenvolvidas na escola começam a fazer parte da cultura de movimento da vida do aluno.

Notei que nunca tínhamos arremessado o arco nos cones, mas eles criaram essa nova atividade. Provavelmente, porque a vivência com os materiais de Ginástica Rítmica oportunizou a condição de pensar novas formas de uso para esse material. Não determinei os jogos e nem impus regras, mas eles mesmos criaram suas regras e utilizaram o tempo da melhor forma que puderam. É bom perceber que aos poucos a transição vai acontecendo sem rigidez, mas de modo lúdico e prazeroso.

Foto 40 - Brincando livremente na quadra com brinquedos pedagógicos.



Fonte: registro feito pela autora.

No 7º encontro da Brincadeira Espontânea, solicitei que trouxessem para a escola os brinquedos que usam em casa para brincar com os primos, com os coleguinhas da rua, e se fosse uma brincadeira sem material que fizesse o desenho para apresentar para os colegas.

Assim, a maioria trouxe um brinquedo, (cada um mais lindo que o outro), não houve desenhos, estavam todos animados para contar como brincam, com quem brincam e felizes ao ter esse prazer de brincar, ali na escola, com o seu brinquedo tão querido, essa estratégia de usar o brinquedo na escola causa felicidade ao educando, e possibilita a ele interligar sua memória de forma sensível com um dos momentos da Educação Infantil ,onde em um dia da semana é possível brincar com seu próprio brinquedo.

Enquanto objecto, o brinquedo introduz e adentra a criança para uma sociedade onde o contacto com os objectos é permanente e até inerente ao seu próprio funcionamento quotidiano. É através do brinquedo que a criança constrói as suas relações com o objecto – de posse, de utilização, de abandono, de perda – que, no fundo, constituem, igualmente, as interacções que ela realizará com outros objectos futuramente no seu dia-a-dia. (ARAÚJO; SILVA, p.158, 2009)

Fizemos uma rodinha e cada um foi fazendo o seu relato, o brinquedo que predominou foi a boneca, o carrinho e os bonecos super-herói. Alguns relataram que brincam na rua, mas a maioria não pode brincar na rua porque a mãe não deixa.

As crianças, enquanto alunas na cidade, vivem uma organização peculiar do seu espaço-tempo. Elas circulam entre “instituições”: da casa de família para a escola, da escola para o centro de “tempos

livres” ou para o clube, destes para a casa de família. Essa circularidade entre espaços restritos, feita usualmente por transporte público ou privado (pelo menos nas cidades médias e grandes), faz com que as crianças naveguem entre ilhas no oceano urbano (SARMENTO, 2018, p. 235).

Até mesmo porque pelo contexto que temos de rua, ou é lugar de carros ou de violência, então poucas crianças ainda usufruem deste espaço para vivenciar suas brincadeiras. Foi também relatado a brincadeira de casinha, esconde esconde, (por que pode brincar dentro de casa). Perguntei quem tinha celular e o usava como um brinquedo e metade da sala respondeu que brincava com o celular, vendo desenho ou jogando.

Araújo e Silva (2009 p. 644) destaca que as crianças [...] vivem rodeadas de muitos e variados brinquedos, com uma acrescida profusão dos provindos da era digital que predominam hoje sobre as demais tecnologias. É notável que o celular se tornou um brinquedo e podemos dizer que um dos mais queridos e pedidos pelas crianças. As brincadeiras com bola, corda, pega- pega, enfim, as que utilizam a rua como espaço privilegiado para aprendizado, onde reflete as influências da comunidade e demonstram um conhecimento da cultura de movimento, foram bem poucos.

A par da censura implícita da livre circulação das crianças pelas ruas, a configuração desses espaços organizados pelos adultos para crianças, por eles controlados e vigiados, constitui uma forte limitação à autonomia infantil e impõe pautas regulatórias dos comportamentos. Brincar nos parques infantis obedece a regras de utilização dos brinquedos e dispositivos e estes limitam a inventividade e a criatividade, padronizando as possibilidades das crianças. (SARMENTO, 2018, p. 234)

Houve um relato de um dos estudantes que foi bem interessante, ele mora um pouco longe da escola e citou coisas que acredito válido trazer aqui para compartilhar. Ele disse que: “que brinca de pedra, amarra a pedra e joga na árvore, brinca de pipa, e que junto com seus amigos pega a taquara e faz a pipa”. Eu perguntei:

“- E o que é taquara?”

Ele me respondeu:

“- São as taliscas, os paus da pipa”.

Nas narrativas, onde o pulsar da vida cotidiana emerge na nudez da realidade que em cada uma delas se conta por fora e por dentro dos

actores que lhes dão conteúdo, e nas demais evocações da memória que guarda momentos marcantes das vivências lúdicas que todas as crianças a seu tempo puderam fruir, mesmo quando mesclados com a adversidade, também se afirmam traços da plena presença da infância na sociedade que integra, e que, por isso, em momento algum lhe passa despercebida ou é indiferente. (ARAÚJO; SILVA, p.581, 2009).

Por menor que seja este aluno ele já possui uma memória lúdica, seu relato em pleno século XXI, tempo da era digital, onde tudo ocorre com muita rapidez, nos traz a preservação de um espaço caseiro cheio de especificidade da brincadeira simples. Conforme ele vai contando podemos visualizar pipas, pedras na árvore, taliscas para confeccionar a pipa, talvez muitas crianças de seis anos nunca irão ver ou conhecer uma pipa, outras nunca poderão brincar fora de suas casas. Sobretudo é preciso entender que os tempos mudaram, porém possuir uma memória lúdica é o que nos faz entender que tivemos infância.

Esse discente é um dos poucos que podem brincar na rua ter sensações e ver a cultura de forma diferente dos seus colegas. Quem brinca e ensina as atividades que dão sentido à sua forma de pensar e agir são seus companheiros de rua, primos, a maioria mais velhos e isso o faz estabelecer nos seus espaços estímulos e significados às suas atividades. Em seguida aos relatos todos puderam brincar livremente com o seu brinquedo e com os dos colegas.

Foto 41 - Dia do Brinquedo vindo de casa.



Fonte: registros feitos pela autora.

Essa estratégia de trazer o brinquedo de casa foi feita com as crianças duas vezes, uma onde elas apenas brincaram e a outra foi essa que acabei de relatar onde antes de brincarem contaram um pouco sobre os seus brinquedos e seus modos de brincar; externalizaram suas experiências, relataram suas vivências e

foram ouvidos com atenção. Isso é algo que elas apreciam. As propostas foram parecidas, mas os momentos vividos não se assemelharam, cada dia é único, o fenômeno do brincar e se movimentar nunca se repete, toda vez que acontece é algo novo.

A experiência de proporcionar à criança a oportunidade de brincar com liberdade para a criação e utilização do tempo ao seu modo. Foram contempladas as brincadeiras de forma sensível nas quais foi possível perceber uma conexão de vínculos entre a criança e o mundo, valorizando a sua cultura de movimento através das brincadeiras. Assim, ao vivenciar esses momentos junto às crianças é que entendo que a escola deve ser brincante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo tratar alguns aspectos relacionados à transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, esses aspectos foram ludicidade, desenvolvimento, movimento, linguagens, estímulos, expressões, relações e compreensão de regras dentro de um contexto de aulas direcionado ao brincar e se movimentar.

Assim nossa intenção era a de proporcionar experiências lúdicas na escola e criar condições das crianças brincarem e terem vivências significativas. Nesse sentido, logramos êxito em proporcionar às crianças oportunidades de aulas diferentes, com histórias dramatizadas, histórias para introdução de brincadeiras, vivências em aparelhos de circo e de ginástica, brincadeiras com elementos do atletismo e da ginástica, e brincadeiras livres com e sem brinquedos. Notamos que durante essa experiência foi possível atender as necessidades do educando.

Nas aulas desenvolvidas e investigadas há uma percepção muito clara que o se movimentar envolve novas experiências e aprendizados. Principalmente, quando há a preocupação de inserir a criança em locais lúdicos organizados para que possam vivenciar novos estímulos, assim pudemos notar a alegria e o prazer de brincar e de se movimentar.

A ampliação do conhecimento através das atividades lúdicas foi um excelente caminho escolhido que contribuiu para o aprendizado dos conteúdos ensinados; pois em muitos momentos só há descobertas e atribuição de sentidos, se a criança vivenciar atentamente o que lhe é proposto.

Constatando que a criança necessita de brinquedo e brincadeira, de ser o autor da sua infância, de fruir seu desenvolvimento a partir de si, foi possível perceber que esse processo deve acontecer durante todo o ano e a responsabilidade de proporcionar a criança mais momentos para brincar deve ser de todos os educadores envolvidos com sua educação e, não somente o professor de Educação Física.

Notamos que o dia da brincadeira espontânea era sempre um dia muito esperado pelas crianças, pois elas sabiam que além das aulas ainda teriam um horário somente para brincarem. Esse fato é muito representativo porque demonstra que majoritariamente, o método de ensino “bancário” predomina nessa fase de transição.

O primeiro objetivo específico era o propiciar a ampliação do desenvolvimento da criança por meio do “se-movimentar” planejando os conhecimentos a serem ensinados na Educação Física de forma lúdica, tais como a ginástica e o atletismo. A partir desses conteúdos foi possível ampliar o conhecimento das crianças e os seus movimentos durante as aulas, estimular a criação de novos jeitos de brincar e proporcionar estímulos que aguçaram a imaginação, que propiciaram que elas expressassem suas representações mentais no modo de falar, se movimentar e de desenhar.

A escolha destes conteúdos ocorreu, no caso da GPT, por sua singularidade que proporciona a inclusão de todos os alunos nas aulas possibilitando a introdução dos elementos ginásticos na escola de forma lúdica, valorizando a cooperação e o fluir da prática, em detrimento da busca de desempenho esportivo.

Já o Atletismo foi escolhido pelo fato que o ato de correr, saltar, arremessar são atividades presentes na vida de alguns discentes que ainda podem brincar nas ruas. Assim, esse tema foi proposto com vistas a organizar o conhecimento experimentado, empiricamente, enriquecendo seu repertório à medida que se inclui em seu trato pedagógico elementos que já são vivenciados.

Organizamos as aulas de forma a introduzir os educandos no universo da cultura de movimento de forma crítica, levando em consideração que as crianças carregam em seus corpos, expressões, gestos e movimentos de sua cultura. Assim, foi possível possibilitar aos alunos formas de brincar e vivenciar as modalidades esportivas de forma lúdica.

O segundo objetivo específico se propôs a estimular a livre expressão da criança por meio de suas diversas linguagens incentivando-a a conversar, a ouvir, a desenhar, a dançar e a brincar. Para que isso realmente acontecesse utilizamos diversas linguagens e variadas proposições de atividades, que promoveram condições aos alunos de se expressarem. Por exemplo: narração de histórias (muito apreciada pelas crianças), diálogos, relatos de suas experiências e curiosidades, avaliações através de registros em desenhos, o brincar pelo brincar, o estímulo da criatividade e imaginação, a descoberta de ritmos, gestos, e a oportunidade de descobrir novas vivências.

A organização dos espaços facilita as possibilidades de experiências que podem ser proporcionadas aos alunos. Nesse sentido, todos eles deveriam ser adequados à idade deles, e não ao contrário. Infelizmente, na maioria das vezes

encontramos dificuldades arquitetônicas para a adaptação das crianças às escolas. Gandini *et al* (2016) nos faz a consideração que o ambiente é um educador juntamente com a equipe dos professores. Ele enfatiza que o espaço, mais do que ser útil e seguro para passar horas ativas durante o ano, deve ser de forma diversificada, de modo a convidar à criança para ser autônoma em relação às suas ações, desejos e interesses.

Contudo, para um aprendizado mais transformador, faz-se necessário às crianças sentirem que o espaço foi preparado para elas, para interagirem, brincarem se comunicarem, aprender e se sentirem bem.

O terceiro e último objetivo específico traz a proposta de construir coletivamente as relações entre os colegas, a professora e o novo ambiente escolar com a compreensão de regras, direitos, espaços e tempos. Entendemos que isso ocorreu nas aulas de Educação Física com a colaboração, respeito às diferenças, construção de regras, utilização de diferentes espaços, comportamento democrático e condução das ações através do diálogo, no qual a professora e os alunos puderam interagir.

Assim, essa construção favoreceu mudanças e possibilidades de desenvolvimento, estabelecendo o momento de transição de forma interativa, porém com características particulares, considerando a diversidade de crianças que se encontram em uma única turma.

Em relação ao nosso objetivo principal, propomos criar uma proposta didático-pedagógica para as aulas de Educação Física para o 1º ano do Ensino Fundamental das Séries Iniciais, que contribuísse para a transição adequada das crianças que chegam da Educação Infantil. Consideramos que atendemos a esse desafio levando em consideração as análises dos dados produzidos pela professora, junto aos alunos, nas aulas desenvolvidas e, também, no caderno didático produzido como um produto final desse trabalho. Tecido, principalmente, na simplicidade de quem sentiu e desejou essa experiência de ensino, essa proposta expressa a nossa preocupação e responsabilidade com a transição, no contexto da escola e da Educação Física.

Durante as diversas etapas da construção da pesquisa houve algumas dificuldades, como o fato de estudar em uma cidade distante das aulas presenciais do mestrado profissional, tendo que fazer o deslocamento, na maioria das vezes, a noite, depois de uma jornada extensiva de trabalho, isso provocava uma tensão e um cansaço, que acabava por refletir em uma não participação mais efetiva durante

as aulas, porém em nenhum momento buscamos desculpas para não ir aos encontros.

Outro entrave enfrentado, foi o fato de trabalhar e desenvolver a investigação como pesquisadora observadora, fazendo a intervenção, o processo de leituras, descrição das aulas, análises, isso quase que simultaneamente, além das tarefas domésticas que a maioria das mulheres desempenham.

De toda forma, essa pesquisa pode dar subsídios para a comunidade escolar, incentivando a percepção das particularidades das crianças de 6 anos. Estimulando com pequenas ações diárias o fazer pedagógico, propiciando experiências diferentes que permitam o protagonismo das crianças, de forma que possam a cada dia construir o conhecimento da forma que lhes é própria, que é brincando.

Assim, somos cientes de que os resultados das ações realizadas trouxeram significado para a vida dos educandos participantes da pesquisa. As estratégias empreendidas só foram possíveis porque acreditamos no potencial das crianças e entendemos que o Mestrado Profissional norteado por um fazer pedagógico nos propôs esse enfrentamento da própria prática e nos deu a oportunidade de mostrar que professores da Educação Básica também podem fazer pesquisa.

Também nos torna mais aptos para o enfrentamento do exercício diário de construir aulas de Educação Física mais democráticas, e a cada dia acreditar que nós professores da Educação Física podemos fazer a diferença.

Ao término desse texto salientamos que o trabalho foi articulado com base na reflexão-ação-reflexão voltada para a transição e foi adotado o uso de metodologias de ensino dos conteúdos da Educação Física adequadas às crianças. Isso inclui pensar a infância, pelo viés da sociologia da infância, no caso desse trabalho, e levar em consideração os limites os quais as metodologias de ensino atendem as demandas do ensino-aprendizado dos alunos, e auxiliam como norteadoras para traçar os objetivos e avaliar os resultados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rogério. **Dicionário Didático de Língua Portuguesa**; FTD; 2011.
- ARAÚJO; SILVA, Alberto. **Jogos, brinquedos e brincadeiras – Trajectos intergeracionais**, 2009. 782f. Tese de Doutorado em Estudos da Criança, Braga, 2009.
- AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 2007.
- AYOUB, Eliana. GRANER, Larissa; Transformando Poema em Gesto, Corda em Estrela, Conduite em flor... In: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (org). **Democratizando a ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013, p. 23-48.
- BARCELOS, Maciel; SANTOS, Wagner dos; NETO, Amandia Ferreira Neto; Crianças, Infância e Escolarização: Tessitura na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental de nove anos. **Motrivivência**, v.27,n.45, p. 84-101, setembro, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p84>
- BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, M.T. (Org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez; 2008; p. 57-71
- BRASIL, **Base Nacional-Comum Curricular (BNCC)** para a Educação Infantil e o Ensino Disponível em: < ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- BRASIL. **Emenda Constitucional n ° 59/2009. Lex: coletânea de legislação: edição federal**, Brasília, Art. 208, incisos I e VII.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.3 v.: il. (RCNEI)
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais Da Educação Básica**. BRASÍLIA: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

BRASIL. **PARECER Nº 1158/98** APROVADO EM 11.12.98 PROCESSO Nº 26.747; lei 9.394/96, de 20.12.96 (nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

BRASIL. **Resolução do quadro de pessoal** *Conforme a Resolução SEE nº 810/74, publicada no MG de 06-07-74, <<https://sites.google.com/site/eedreuzebiodiasbicalho/historia-da-escola>>* Acesso 02 de dez. 2018.

BRASIL. **Sistema de Ciclos**, chamado de 1º Ciclo de Formação Básica. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/sistema-de-ciclos/>>. Acesso em: 18 de nov. 2018. Resolução nº 8.086/97, o Sistema de Ciclos, chamado de 1º Ciclo de Formação Básica.

CASTRO, Felipe Barroso de; KUNZ, Elenor; **O fazer do ser criança: Entre o estímulo e a descoberta: O brincar e se movimentar**. Editora Unijuí, Ijuí, RS, 2015.

CHARLOT, Bernard. O saber e as figuras do Aprender. In CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elemento para uma teoria**. Porto Alegre: Armed, 2000.

CORALINA, Cora. Exaltação de Aninha (O professor). In: _____ **Vintém De Cobre: Meias Confissões de Aninha**. 9a Ed. São Paulo: Global, 2007.

DANTAS, Estélio H. M. *Alongamento e Flexionamento*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DIAS, Edilamar Borges; e CAMPOS, Rpsânia; Sob o olhar das crianças: O processo de Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental na contemporaneidade, Revista Brasileira Estudos Pedagógicos (online) Brasília, v96,n244,p.635-649, set/dez. 2015; disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/346813580>

DIAS, Maria Celia Moraes. Metáfora e pensamento: sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré escolar. In: KISHIMOTO, M,T; (Org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez; 2008, p.45-56.

FERNÁNDEZ, Alicia; La Atencionalidad Atrapada; Revista EPSIBA, Espaço Psicopedagógico de Buenos Aires; n12; Buenos Aires, Argentina; p 07 – 18 Dezembro 2006; Disponível em: www.epsilva.com/revista

FLOR, I.; GÁNDARA, C.; REVELO, J.; MELLO, A. M. **Manual de Educação Física**. São Paulo: MMX, 2001

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. 12º ed. São Paulo; Paz e Terra/AS; 1999.

FREITAS, Amanda Fonseca Soares *et al.* **Educação Física para a Educação Infantil: Conhecimento e Especificidade**. São Cristóvão: UFS, 2008.

GAIO, Roberta Cortez; PORTO, Eliane. Educação Física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: DE MARCO, A. (Org.). **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2006

GANDINI, Lella.; EDWARDS, Carolyn.; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância**. vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

GARANHANI, Marynelma Camargo.; NADOLNY, Lorena Fátima. O professor de educação física na educação infantil: estratégias de um projeto de formação de professores no PIBID/CAPES-UFPR. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre (RS), v. 6, n. 1, p. 45-57, mar. 2015.

GARCIA, Walquíria; ROCHA, Áurea; MIRANDA, Cláudia; CASTRO, Vanderci. **Baú do professor: Histórias e Oficinas Pedagógicas**. Editora FAPI, Belo Horizonte, MG, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ºed. São Paulo, Atlas, 2008.

GONZÁLES, Fernando Jaime; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Práticas pedagógicas em educação física: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1998

KISHIMOTO, Tizuco Morchida; (Org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo; Cortez; 2008.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 2**. 2ª. Ed. Ijuí: Unijui, 2003.

KUNZ, Elenor.; COSTA, Andrize Ramires. A imprescindível e vital necessidade da criança; In: KUNZ, E; (org.) **Brincar e se movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. STANVISKI, G; CUNHA,A,C; SURDI,A,C; SOUZA,A,C; CASTRO,F,B; Editora Universitária de UFPB, 2015.cap.2; p.13-37.

KUNZ, E. Educação Física: a questão da Educação Infantil. In: GRUNENVALDT, J.T., SCHENEIDER, O., KUHN, R., RIBEIRO, S.D.D. (Org.). Educação Física, Esporte e Sociedade: Temas Emergentes. Aracajú: Editora da UFS, 2007, p. 7-22.

LANO, Marciel Barcelos. **Práticas cotidianas da Educação Física na Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UFES Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. In: **Rev. Brasileira de Educação**. 2004, n.27, p.5-24.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LOBATO, Monteiro. O Macaco e o Coelho. In: LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 48-50.

MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

MACHADO, Albano Silveira; Vale do Mucuri sempre elegeu deputados com votos do Vale do Jequitinhonha: In: Vale do Jequitinhonha. **Blog do Banu**. Diamantina, 3 de fevereiro de 2014; Disponível em: <http://blogdobanu.blogspot.com>; Acesso em 13/04/2020

MARTINATI, Adriana Zampieri; e ROCHA, Maria Silva Pinto de Moura Librandi da; “Faz de conta que as crianças cresceram” O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia**, SP, vol. 19, n2; maio/agosto de 2015, 309-319; Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3439/2015/0192839>

MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº. 469**, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a organização e o funcionamento dos anos iniciais do ensino fundamental, com nove anos de duração, nas escolas estaduais de Minas Gerais e dá outras providências. Belo Horizonte, 22 dez. 2003.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo; e FARIA, Daniella Salviana; A Centralidade das infâncias e do brincar na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental; **Ensino em Revista**, Uberlândia MG; set/dez, 2019, p. 828 a 852; Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4393/ER-v26n3a2019-10>

NEW, Rebeca; Variações culturais sobre a prática desenvolvimentalmente apropriada – desafios à teoria e à prática. In: EDWARDS, Carolyn.; GANDINI, Lella.; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância**. vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2016, p.205-218.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças: Abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, Amauri A. Bástoli de. **Planejando a Educação Física Escolar**. Maringá: UEM, 2004. p. 25-26.

PALMARES. **Terezinha Guilhermina, a atleta cega mais rápida do mundo**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=42597>. Acesso em: 29 de jan. de 2020

PAOLIELLO, Elisabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marcos A. C.; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp 25 anos**. Campinas: Unicamp, 2014.

PONTES; Gilvania Mauricio Dias de; VIEIRA, Ana Lúcia Xavier; MELO; José Pereira de; CAPRISTANO; Naire Jane; PIMENTEL; Norma Borges; VIANA, Raimundo Nonato Assunção; ROCHA, Vera. **Livro didático: o ensino de Arte e Educação Física na Infância**. 2º ed. Natal: Paideia, 2009.

RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirleia Fanfa; NORBERG, Marta; PACHECO, Suzana Moreira, (org.). **A criança de seis anos: no Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RECHINELI, Andréa, PORTO, Eline Tereza Rozante, MOREIRA, Wagner Wey. **Corpos Deficientes, Eficientes e Diferentes: Uma Visão a partir da Educação Física; Revista Brasileira de Educação Especial; Marília, Mai.-Ago. 2008, v.14, n.2, p.293-310**

RINALDI, Carlina. O Currículo emergente e o construtivismo social. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância**. vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 107.-116

SARMENTO, Manoel Jacinto. Infância, Corpo e Educação Física; **Cadernos de Formação RBCE**, v.6, n. 2 p. 11-37, set. 2015.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação revista quadrimestral**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, maio-ago. 2018

SARMENTO, Manuel J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências". In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Práticas pedagógicas em educação física: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **Oficina de Docência em Ginástica Geral**. Vitória: Universidade Aberta do Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

SILVA, Yuri Rouxinol da; **Ginástica Geral: Um processo de Construção Coreográfica com crianças**. In: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (org). **Democratizando a ginástica: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013, p.97-120.

SOARES, Carmen Lúcia; FILHO, Lino Castellani; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Elizabeteth; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter (Coletivo de Autores) **Metodologia do Ensino de Educação Física**; Cortez, São Paulo, 2009.

SURDI, Aguinaldo César. **Educação e sensibilidade: O brincar e se movimentar da criança pequena na escola**. Natal: EDUFRN, 2018.

SURDI, Aguinaldo César; MARQUES, Danieli Alves Pereira.; KUNZ, Elenor. **O brincar e se movimentar**: Tempos e espaços de vida da Criança. Ijuí: Unijuí, 2015.

SURDI, Aguinaldo Cesar; MELO, Jose Pereira, KUNZ, Elenor. O brincar e o se-movimentar nas aulas de Educação Física infantil: realidades e possibilidades. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 459-470, 2016.

VIEIRA, Ana Lucia Xavier, *et al.* **Livro didático**: O ensino de Arte e Educação Física na Infância. Natal: Paideia, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YUNES, Eliane. **Da Crítica e da Seleção de Livros para Crianças e Jovens**. 2010. Disponível em <https://pt.slideshare.net/leandronegreiros2004/da-crtica-e-da-seleo-de-livros-para-crianas-e-jovens>. Acesso em: 21/02/2020.